

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

“Couro é Ouro: as políticas paternalistas do Curtume Mombelli e a construção da identidade social de seus trabalhadores (Tapera/RS, décadas de 1930 e 1950)”

Aluna: Cecília Soares Mombelli

Professor Orientador: Benito Bisso Schmidt

Porto Alegre, 19 de novembro de 2010.

## RESUMO

O trabalho visa a analisar a influência das políticas paternalistas na construção da identidade dos trabalhadores do Curtume Mombelli, entre as décadas de 1930 e 1940, na vila de Tapera (RS). Estudamos, no primeiro capítulo, como os “benefícios” proporcionados pelo estabelecimento, tais como educação, saúde e moradia, eram operacionalizados e percebidos pelos funcionários. Já no segundo capítulo, analisamos a participação dos jornais, livros de memórias, livros de história municipal e lembranças dos moradores da cidade na construção da memória coletiva local sobre a indústria e seu diretor, Guido Mombelli. A seguir, no mesmo capítulo, discutimos como o paternalismo e a memória contribuíram para a formação da identidade social dos empregados do Curtume.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
1. COURO É OURO: AS PRÁTICAS DE DOMINAÇÃO PATERNALISTA NO CURTUME MOMBELLI.....	12
1.1 “Todo mundo dava graças a Deus porque tinha o Curtume”.....	14
1.2 O Velho Guido.....	20
1.2.1 A Sucessão do Falecido Guido.....	23
1.3 O Trabalho.....	25
1.3.1 O Apito do Curtume.....	26
1.4 As Casas Azuis.....	28
1.5 O Grupo Escolar.....	30
2. A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS TRABALHADORES DO CURTUME MOMBELLI.....	33
2.1 Os Enquadradores da Memória.....	34
2.2.1 A Caminhada de um Povo.....	35
2.2.2. Conversa de Vizinhos.....	38
2.2.3 Jornais.....	40
2.2 Reconhecimento pelo Trabalho.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: Os operários do Curtume.....	22
FIGURA 2: Banda Aurora.....	28
FIGURA 3: O Curtume em 1937.....	29

## INTRODUÇÃO

Ao estudarmos a formação da identidade dos operários do Curtume Mombelli nas décadas de 1930 e 1940, estabelecimento industrial localizado na Vila Tapera, na zona rural de Carazinho (RS), nos deparamos com o relacionamento estreito entre empregados e patrão, próximo ao familiar. O dirigente era muitas vezes reconhecido por patrocinar benefícios como saúde, moradia, educação e lazer. Isso incentivava a permanência dos empregados e evitava protestos, como demonstra a ausência de organizações formais dos trabalhadores ou greves. Essas políticas paternalistas, como assinalam diversos autores, reforçam a autoridade do proprietário e asseguram a integração do trabalhador ao processo produtivo.

Michelle Perrot, ao pesquisar a industrialização na França do século XIX, chama atenção para essa idealização, por parte dos operários, da figura do pai/patrão, que proporciona emprego a seus “filhos”, participa nas confraternizações, garante emprego aos familiares do empregado, o que acaba se refletindo em um sentimento de orgulho da empresa na qual trabalham. A historiadora considera essa relação familiar de difícil rompimento, pois, nela, a demissão ou o protesto têm um caráter mais dramático, de “dilaceramento do tecido familiar, revolta contra o pai, mais difícil do que a coalizão contra um empregador comum”<sup>1</sup>. Isso explica, em parte, a ausência de greves e protestos no chão de fábrica em empresas gerenciadas desse modo.

Para considerarmos esse sistema paternalista de dominação, Perrot aponta três elementos básicos, que levamos em conta na hora de estudar o paternalismo no Curtume Mombelli:

- 1) presença física do patrão nos locais de produção, e mesmo a moradia patronal;
- 2) linguagem e prática do tipo familiar entre patrões e operários;
- 3) adesão dos trabalhadores a esse modo de organização.<sup>2</sup>

Essas características são facilmente encontradas na relação de Guido Mombelli com seus funcionários, o que é perceptível, por exemplo, quando os mais próximos sentavam na mesa de jantar da sua casa, e até mesmo nos casamentos com os membros

---

<sup>1</sup> PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 83.

<sup>2</sup> PERROT, 1992, p 83.

da família proprietária. Além disso, ele era um dos primeiros a chegar na fábrica e conferia todas as atividades constantemente. A identificação com o local onde trabalham e com o seu patrão é outro ponto a ser levado em conta na hora de se refletir sobre a identidade desses operários e seu comportamento no cotidiano.

A existência da vila operária ou mesmo a moradia construída em torno do Curtume apontam para características específicas de dominação. Situado no centro de uma pequena vila do interior, com as casas fixadas ao redor da fábrica, o controle da mão de obra se expande para além do trabalho, prolongado-se para as horas de descanso e lazer. José Leite Lopes destaca o alcance das ações exercidas sobre as condições de existência dos trabalhadores nessas condições. Para o caso da Companhia Têxtil de Paulista, em Pernambuco, pesquisada pelo antropólogo, essa dominação se efetiva na possibilidade de melhoria do padrão de vida:

Essa abrangência se manifesta não somente pelo fato da *companhia* dar acesso ao trabalho e à casa simultaneamente, assim como o acesso a um trabalho complementar que se incorpora nas condições subsidiária à própria moradia (o roçado, a lenha) e mais ainda por administrar a circulação de bens de primeira necessidade dos trabalhadores através da organização da feira, mas também por controlar a própria constituição do grupo operário, arregimentando, de áreas distantes, famílias de trabalhadores a serem formadas para o trabalho e para as regras de convivência da vila operária.<sup>3</sup>

Embora não tenha feira organizada pela empresa e nem convocação direta de pessoas em outras localidades - eram elas, em sua maioria, que procuravam o Curtume - encontramos algumas semelhanças nesses dois empreendimentos. É o caso do acesso à casa e ao roçado que poderia ser feito junto à moradia. São esses benefícios que arregimentam os funcionários e fazem com que eles se sintam parte de uma família e mais próximos do patrão. Para que isso aconteça, a imagem do proprietário benfeitor precisa ser construída, afirmando sua posição e autoridade. Os atos rotineiros de Guido, como chegar cedo à empresa, vistoriar e cumprimentar os funcionários, bem como a repetida frase “Couro é ouro” dita por ele, são alguns dos comportamentos que reafirmam a sua presença e comando. Para Leite Lopes<sup>4</sup>, a teatralização da dominação é utilizada pelo patronato para legitimar a sua posição de mando, impondo uma nova dominação industrial diferenciada da rural. Seguindo a linha de E. P. Thompson<sup>5</sup>, o

---

<sup>3</sup> LOPES, Jose Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Ed. Da UNB, 1988, p. 38.

<sup>4</sup> LOPES, José Sérgio Leite. **Uma teatralização tradicional da dominação industrial**. IN: ARAUJO, Ângela Maria Carneiro (org.). Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira. São Paulo: Scritta, 1997, p. 184 .

<sup>5</sup> THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 62-85.

autor afirma que uma série de rituais e simbologias é diretamente identificada com o padrão e contribui para a sua mitificação.

Ao fornecer vantagens a seus empregados, o padrão pode interferir na formação identitária de seu proletariado, gerando a submissão a suas determinações. Essa imagem paternal construída, como coloca Margareth Rago<sup>6</sup>, reforça a sua autoridade e garante a fidelidade do trabalhador, visto que a repressão e a punição não se apresentam como soluções em todos os momentos. A partir disso, a pergunta que esse trabalho se propõe a responder é: de que forma a dominação paternalista se dava no cotidiano desses operários e como ela contribuiu para a formação da sua identidade?

Percebemos a eficácia dessa forma de controle quando ela é interiorizada pelos dominados e expressa nas suas falas, memórias e na construção de sua identidade. Esse controle é demonstrado através dos “[...] símbolos escolhidos pelos trabalhadores locais quando compõem uma história incorporada ao seu grupo social, e que dão sentido e vida à forma específica de dominação a que estiverem submetidos a maior parte de suas vidas”<sup>7</sup>. Essa interiorização é expressa na identidade dos empregados, em consonância com o lugar e com as pessoas que compõem o seu dia-a-dia.

Seguimos as reflexões elaboradas por E. P. Thompson, expandindo a análise da identidade para além do trabalho, envolvendo igualmente as condições materiais de existências e as relações cotidianas, dentro do processo de reconhecimento como classe. Dessa forma, diz o autor em conhecida passagem: “a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus”<sup>8</sup>. A construção identitária é dinâmica e se dá mediante o contato com outros grupos sociais, como os padrões ou membros da comunidade que não desempenham a mesma profissão. Ela também é articulada com as tradições, sistemas de valores e formas institucionais vigentes. No caso de Tapera, a cidade circunda a fábrica, contando com outras atividades produtivas que influenciam na formação da identidade de seus trabalhadores. Diante desse quadro, levamos em conta o questionamento de Regina Weber sobre a utilização do termo

---

<sup>6</sup> RAGO, Margareth. **Do Lar ao Cabaré: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 34.

<sup>7</sup> LOPES, 1988, p. 32.

<sup>8</sup> THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, I v., p. 10.

classe para esses trabalhadores das indústrias da cidade, considerando outros fatores como mais importantes para a formação de sua identidade:

Mas é possível falar em classe operária – e quiçá em movimento operário e consciência de classe – para referir-se a um contexto em que as relações de trabalho são marcadas pelas relações pessoais, onde a organização sindical se dá tutelada pelo Estado e pela Igreja, onde falta aos trabalhadores uma experiência de sua condição, pois quase sempre seus pais não foram e seus filhos poderão não vir a ser “operários”, onde são fortes os apelos aos laços étnicos? O próprio termo “operário” passou a ser evitado, dando-se preferência a outro, trabalhador, menos marcado e, portanto, menos reificado por uma tradição política<sup>9</sup>.

Essa problematização será fundamental no desenvolvimento do nosso trabalho, para não cairmos na falácia de procurar uma identidade operária quando ela ultrapassa a classe para abranger outros aspectos.

Priorizaremos dois aspectos na análise da construção identitária, conforme nos indica Isabel Aparecida Bilhão<sup>10</sup> no seu estudo sobre os operários porto-alegrenses: o reconhecimento e a memória coletiva. O primeiro se daria a partir das ações práticas, em condições objetivas, como o local de trabalho, o lazer e as apresentações públicas. Nesses espaços, se constituiria uma aceitação das características unificadoras do grupo, fundamentadas no discurso identitário e nas propriedades econômicas ou culturais em comum, como aponta Bourdieu<sup>11</sup>.

Apreendemos também a construção da identidade dos trabalhadores na sua fala, nas recordações que carregam do período vivido como funcionários do Curtume. Quando pensamos no conceito de memória, costumamos colocá-la como uma lembrança pessoal e individual. Entretanto, ela também deve ser entendida como fenômeno coletivo, construído em conjunto e passível de sofrer alterações no decorrer do tempo. Conforme Maurice Halbwachs<sup>12</sup>, toda a lembrança significativa é um processo socialmente condicionado de reconstrução que se baseia na estrutura social, cultural e nos rituais de comunicação de um dado grupo no presente. Ela não se mantém única e imutável, mas prioriza determinados aspectos em detrimento de outros, considerados mais importantes dentro de determinado grupo. Conforme Halbwachs,

---

<sup>9</sup> WEBER, Regina. **Os operários e a colméia**. Trabalho e etnicidade no sul do Brasil. Ijuí: Editora Unijuí, 2002, p. 26.

<sup>10</sup> BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896-1920)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2005. Orientador: Profa. Dra. Silvia Regina Ferraz Petersen, p. 33.

<sup>11</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.117. Apud BILHÃO, Isabel. **Identidade e Trabalho**, 2005, p. 34.

<sup>12</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 39.



para que a nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum .

A memória é um elemento formador da identidade, pois permite dar um sentimento de continuidade e coerência para a pessoa ou coletividade. Além disso, ela reforça a união pela própria adesão afetiva ao grupo, isto é, forma-se uma “comunidade afetiva”. A memória busca reforçar sentimentos de pertencimento, nos quais a referência a um passado comum serve como um meio de manter a união dentro de determinado agrupamento. Segundo Michael Pollak<sup>13</sup>, “Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, [...], eis as duas funções essenciais da memória comum”. As recordações são então analisadas como resultantes da gestão de determinados grupos e indivíduos, que podem ser considerados como os “enquadradores da memória”, através, por exemplo, de jornais, livros, discursos públicos e tradições. Mesmo não participando dos acontecimentos, a sua valorização faz com que estes ganhem força no imaginário de um grupo e se transformem em eventos comuns. Isso gera uma identificação das pessoas com um passado determinado, uma memória herdada. Analisaremos esses “enquadradores” para compreender como se dá a construção da identidade social dos empregados do Curtume Mombelli no período em tela.

Optamos também pelos testemunhos orais para entendermos a memória coletiva. As entrevistas foram realizadas na casa dos depoentes, no início do mês de outubro, contanto muitas vezes com a participação de outros familiares para recordar datas e locais. São esses os atores principais de nossa pesquisa:

- Arnildo Sarturi: médico, 83 anos. Seus pais eram donos do hotel da cidade e hospedavam os comerciantes que vinham oferecer produtos ao Curtume. Começou a trabalhar na empresa ainda jovem, depois de completar o primário. Transportava os couros dos fulões<sup>14</sup> para o salgadeira, onde eram desidratados com sal, com um carrinho de mão. Como era muito fraco, foi transferido para a sapataria, onde fazia

---

<sup>13</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em 10/06/2010, p.9.

<sup>14</sup> São equipamentos cilíndricos fechados, normalmente de madeira, dotados de dispositivos para rotação em torno de seu eixo horizontal, com porta na superfície lateral para carga e descarga das peles, bem como para adição dos produtos químicos. É onde os couros recebem lavagem de água e banho de produtos químicos.

tamancos e chinelos. Saiu cinco anos depois para continuar os estudos em Carazinho. Formou-se em Medicina, voltou a trabalhar em Tapera e depois seguiu para Passo Fundo. Atualmente reside em Porto Alegre.

- Egon Gengnagel: funcionário aposentado do Curtume, 84 anos. Seu pai veio do interior de Ijuí pedir emprego para seus oito filhos diretamente a Guido Mombelli. Começou a trabalhar no dia 1º de julho de 1941 e se aposentou sessenta anos depois, em 2001, na mesma função, como chefe de seção das divisoras, onde os couros eram divididos em duas ou mais partes. Também tocava trompete na Banda Aurora, ao lado de Guido Mombelli, e animava os bailes da região. Conheceu a esposa na empresa, a qual parou de trabalhar logo após o casamento.

- Ilda Brunori: funcionária aposentada do Curtume, 87 anos. Dentre as suas irmãs que trabalhavam na empresa, foi a única que “deu sorte”, segundo suas próprias palavras, e foi para o escritório ao invés da fábrica. Assumiu a função de caixa, depois de trabalhar na Construtora da Mombelli & Frenser. Passou então para o Curtume, recebendo a responsabilidade, das mãos de Guido, de cuidar da chave do cofre. Ficou com a função até se aposentar, quando chamou a filha para assumir essa posição de confiança. Dos seus quatro filhos, três trabalharam algum tempo na empresa. Participou da entrevista seu filho mais novo, José Brunori, 39 anos, que trabalhou quando moço no Curtume e saiu ao terminar a faculdade.

- Maria de Lourdes Mombelli: advogada, 85 anos. Filha do irmão de Guido, Reinaldo, motorista do Curtume. Iniciou fazendo ladrilhos na fábrica de cerâmica. Começou no Curtume atendendo o arquivo, foi para o RH e depois para o Caixa, de onde saiu para casar com seu primo, filho de Guido, Ari Mombelli. Formou-se em Direito e prestou, em alguns casos, consultoria jurídica para a firma. Foi entrevistada ao lado do filho, Ricardo Mombelli.

- Ricardo Mombelli: administrador, 55 anos. Neto de Guido Mombelli, filho de Maria de Lourdes e Ari Mombelli. Estudou Administração de Empresas em Porto Alegre e foi trabalhar no Curtume, ao lado dos primos, em cargo de gerência. Durante sua administração, o Curtume, após entrar em falência, foi vendido para o Grupo Bom Retiro em 1998, que manteve as atividades na mesma instalação.

Ao utilizarmos a fonte oral no nosso estudo, abrimos ampla possibilidade de respostas dos entrevistados. Essas vão além do seu caráter meramente informativo e podem ser consideradas como

instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana; de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, com o poder e o contrapoder existentes, e com os processos macroculturais que constituem o ambiente no qual se movem os atores e os personagens deste grande drama ininterrupto – sempre mal decifrado – que é a História humana<sup>15</sup>.

Para contarmos com todas as possibilidades que a fonte oral nos permite, é preciso fazer a crítica do documento e utilizar uma metodologia adequada. Estamos tratando com o testemunho subjetivo do depoente, que expressa suas impressões, avaliações e opiniões. Assim, “As questões devem, de alguma forma, levar em consideração e expressar a preocupação com as versões dos entrevistados sobre os acontecimentos e temas investigados”<sup>16</sup>.

Assim, as versões tornam-se também objeto de análise. No nosso caso, estamos trabalhando com a história de uma determinada empresa e a abordagem que fazemos do tema, a identidade de seus funcionários, adéqua-se ao método da fonte oral. Dessa forma, dirigimos

o foco do interesse não para aquilo que os documentos escritos podem dizer sobre a trajetória da empresa, e sim para as versões que aqueles que participaram de, ou testemunharam, tal trajetória podem fornecer sobre o assunto. Isso pressupõe que o estudo de tais versões seja importante para o objetivo da pesquisa<sup>17</sup>.

Trabalhando com versões, a possibilidade de comparar os relatos de diferentes entrevistados enriquece o resultado. Por isso, selecionamos padrões e funcionários, tanto da administração quanto da fábrica. Da mesma forma, optamos por entrevistas de história de vida, pois as consideramos mais completas e que podem nos fornecer mais detalhes sobre o cotidiano dos trabalhadores, que passam despercebidos quando nos limitamos a um tema. Conforme Alberti<sup>18</sup>, a entrevista de “história de vida” contem diversas entrevistas temáticas, “já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados”. Assim, o material poderá ser utilizado por outros trabalhos e servirá também para a comunidade em outras ocasiões, visto que será doado ao Museu da cidade e ao Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS.

---

<sup>15</sup> ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, 13.

<sup>16</sup> HARRES, Marlusa Marques. **História Oral: algumas questões básicas**. Anos 90, Porto Alegre, vol. 15, nº 28, pag. 99-112, dez 2008, p 109. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7960/4749>. Acesso em 30/05/2010.

<sup>17</sup> ALBERTI, 2004, p. 30.

<sup>18</sup> ALBERTI, 2004, p.36.

Dividimos o trabalho em dois capítulos. No primeiro, abordaremos as políticas sociais do Curtume Mombelli, tais como educação, saúde e moradia, da forma como eles eram operacionalizados e percebidos pelos funcionários. Já no segundo capítulo, analisamos a participação dos jornais, livros de memórias, livros de história municipal e lembranças dos moradores da cidade na construção da memória coletiva local sobre a indústria e seu diretor, Guido Mombelli. A seguir, no mesmo capítulo, discutimos como o paternalismo e a memória contribuíram para a formação da identidade social dos empregados do Curtume.

## 1. COURO É OURO: AS PRÁTICAS DE DOMINAÇÃO PATERNALISTA NO CURTUME MOMBELLI

Como foi salientado na Introdução, as relações paternalistas entre patrões e empregados são historicamente uma estratégia eficaz de controle da mão-de-obra, pois diminuem a possibilidade de conflitos e protestos por melhorias nas fábricas e outras unidades econômicas. Essa prática, mesmo permanecendo comum nos dias de hoje, foi amplamente explorada, sobretudo, no início da industrialização do Brasil, na República Velha e Era Vargas. Provas disso são oferecidas pelos trabalhos de, entre outros, José Leite Lopes (1988), Margareth Rago (1985), Sidney Chalhoub (1986), Alexandre Fortes (2002) e Regina Weber (2002), sobre diversos períodos e regiões do Brasil. Nesses casos, os benefícios sociais oferecidos aos empregados pela empresas supriam uma carência de políticas públicas do Estado, ao mesmo tempo que facilitavam a exploração dos trabalhadores. Como também já foi discutido na introdução, a imagem paternalista do patrão funcionava como amortecedor de tensões entre chefes e empregados. Nesse sentido, conforme coloca Chalhoub, “essa imagem ideal das relações patrão-empregado tem um objetivo óbvio de controle social, procurando esvaziar o potencial de conflito inerente a uma relação baseada fundamentalmente na desigualdade entre os indivíduos que dela participam”<sup>19</sup>.

No interior do país, longe dos grandes centros urbanos, as especificidades proporcionadas pela proximidade das comunidades locais com as fábricas e pela precariedade do meio acrescentam outros aspectos às condições de trabalho e às relações de dominação. Nesses casos, seguidamente a presença de uma grande indústria é vista como única oportunidade de emprego e melhoria das condições de vida, como portadora do progresso e sustento para as pequenas vilas e cidades. Distantes dos grandes centros onde estão os serviços públicos, os investimentos, a fiscalização, o movimento operário e o mercado consumidor, tais indústrias podem ocupar uma importância maior do que apenas a de fonte de renda, participando ativamente da vida da localidade e do cotidiano de seus empregados. Além do distanciamento geográfico das grandes cidades, deve-se levar em conta também, nesses casos, a proximidade com o meio agrícola; no caso de Tapera, com a produção colonial familiar e com hábitos interioranos – visitas entre famílias, festas comunitárias, criação de pequenos animais e

---

<sup>19</sup> CHALOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim : o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001, p. 76.

hortas ao lado da casa, chimarrão com os vizinhos, etc. Essa influência da localidade deve ser considerada na hora de se estudar as relações de trabalho e a formação da identidade dos trabalhadores.

Esta pesquisa circunscreve os trabalhadores fabris de uma vila do interior do Rio Grande do Sul, Tapera, ainda predominantemente rural, com pequenas manufaturas coloniais, num momento – anos trinta e quarenta – em que floresce uma indústria em crescente expansão e que ultrapassa os limites da manufatura, contando com um número considerável de empregados para a época, cerca de 250 em 1937<sup>20</sup>. Dos municípios vizinhos, apenas Ibirubá tinha uma empresa desse porte, com mais de 100 empregados, mas isso somente em 1950<sup>21</sup>. Numa localidade que não oferecia as condições necessárias para a manutenção desses operários, sem uma estrutura adequada para atender suas demandas e as de seus moradores de uma maneira geral - tais como luz elétrica, educação, lazer, habitação - o patrão assumia a responsabilidade pelo oferecimento das condições de trabalho, moradia e lazer, expandidas também para a comunidade como um todo. A presença constante do patrão influenciava o comportamento e as atitudes de seus funcionários no seu cotidiano.

Neste capítulo, analisa-se como a dominação paternalista se dava no cotidiano dos operários e como ela era sentida por eles. Partimos, para essa exploração, dos livros publicados por moradores sobre a história da cidade e de fontes orais. Os depoimentos dos operários do Curtume, bem como de seus proprietários, contribuem sobremaneira para a análise das políticas paternalistas. Mais do que isso, os relatos nos permitem perceber o papel que essas políticas exerciam no cotidiano de seus funcionários.

Deve-se ressaltar que a maioria dos entrevistados continuou na empresa até a aposentadoria, chegando à terceira geração de diretores, aquela constituída pelos netos de Guido. Além disso, outros membros de suas famílias - como pais, irmãos, cônjuges e esposas - seguiram pelo mesmo caminho. Tal imagem familiar, em que os laços de continuidade garantem o emprego também dos filhos, é outro aspecto da dominação paternalista, assim explicado por Michelle Perrot:

E acontece que os operários se identifiquem com a “casa” onde trabalham, vangloriando-se de sua estabilidade, do recrutamento hereditário que une sua linhagem à empresa: (...) nasce-se com alguém, e aí se morre. Os conflitos são raros nessas condições, e

---

<sup>20</sup> *Jornal da Serra*, Carazinho. 08/03/1937, p. 3.

<sup>21</sup> SESI. Plano de Ação Sesi. Porto Alegre, 1956. Biblioteca da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs).

assumem um significado mais dramático: dilaceramento do tecido familiar, revolta contra o pai, mais difícil do que a coalizão contra um empregador comum<sup>22</sup>.

Iniciaremos a narrativa com uma descrição do surgimento da empresa, baseada em dois livros de história da cidade e no jornal de Carazinho que circulava na região<sup>23</sup>, além de dados econômicos para compreendermos seu impacto econômico na cidade. Depois, analisaremos os principais aspectos da dominação paternalista, conforme eles aparecem na fala dos trabalhadores. Para tanto, é preciso levar em consideração o carisma e a proximidade física e afetiva do patrão, Guido Mombelli, e a relação personalizada que ele mantinha com seus subordinados. Não encontramos nenhum regulamento, registro de faltas ou orientações para o trabalho. Isso se deve ao fato da maioria dos trabalhadores ser analfabeta; assim, a orientação partia diretamente do patrão, de forma oral, em cada seção<sup>24</sup>.

### 1.1 “Todo mundo dava graças a Deus porque tinha o Curtume”<sup>25</sup>

Trabalhando como representante comercial em Porto Alegre, Guido Mombelli pernitoou na localidade de Tapera, oitavo distrito de Carazinho, importante entreposto comercial da região, pois ligava Soledade, Cruz Alta e Passo Fundo. Ali existia uma selaria e um curtume. Como Guido já tinha experiência em curtimento de couro, pois havia sido proprietário de um estabelecimento deste tipo em Guaporé e possuía inclusive uma máquina para o serviço, demonstrou grande interesse no negócio. Assim, entrou em contato com os proprietários do curtume, oferecendo a referida máquina como entrada na sociedade, fundando em 1924 a firma Pizzato, Bini, Mombelli & Cia Ltda. Dessa forma é contada a história do Curtume Mombelli nos livros da cidade<sup>26</sup>, na biografia de Guido feita pela filha<sup>27</sup> e no livro de memórias de Arnildo Sarturi<sup>28</sup>.

---

<sup>22</sup> PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1988, p. 84.

<sup>23</sup> Aprofundaremos a crítica a essas fontes no Capítulo 2, onde estudaremos a sua contribuição para a formação de uma memória coletiva.

<sup>24</sup> “A maioria dos funcionários não sabia ler, o vô dava as ordens diretamente para eles”. Entrevista de Ricardo Mombelli, Tapera, 07/10/2010.

<sup>25</sup> Entrevista com Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

<sup>26</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPERA. Tapera – A caminhada de um povo. Gráfica SEDIGRAF, Tapera: 1996, p. 140.

<sup>27</sup> BIOCCHI, Déa Mombelli. **O Senhor H**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1997, p. 10

<sup>28</sup> SARTURI, Arnildo. **Menino de Aldeia**. Porto Alegre: sem editora, 2006, p. 18.

Esse percurso individual pode ser melhor compreendido quando se leva em conta o processo mais amplo de industrialização do Rio Grande do Sul. Como mostra a bibliografia, o capital empregado nas primeiras indústrias do estado era originário do comércio, resultado das trocas de gêneros coloniais entre o centro e o interior, por intermédio do comerciante. Este “controlava as compras dos produtos da região e a venda dos artigos não-coloniais importados dos centros maiores de forma quase exclusiva”<sup>29</sup>. Tal acumulação foi posteriormente investida na industrialização, sendo que o comerciante entrava, muitas vezes, com dinheiro ou máquinas num negócio já existente. De acordo com Pesavento,

Em alguns casos, a indústria já nasceu pronta, ou seja, o comerciante aplicou o seu capital na montagem de uma empresa que já surgiu como indústria propriamente dita, num estágio que se denominaria “fabril-manufatureiro” e se caracterizaria pelo uso de máquinas associado ao emprego de ferramentas, significativo capital inicial e utilização da força de trabalho assalariada.<sup>30</sup>

Devido ao insucesso da parceria antes referida, Guido mudou-se para Tapera com a família, reorganizou a firma em 1929, tornando-se sócio majoritário, com 100:000\$000 de seu capital, ao lado de Giocondo Zanetti com 50:000\$000, Pedro Gasparetto e João Basso com 25:000\$000 cada, sob a razão social de Mombelli & Cia<sup>31</sup>. A partir de então, o Curtume prosperou intensamente durante o período de comando de Guido Mombelli, consolidando-se como a principal indústria da localidade, fonte de emprego e melhorias urbanas para a vila, tais como escola e luz elétrica. O crescimento foi proporcionado também pelo direcionamento, naquela conjuntura, da economia brasileira para a industrialização. A crise de 1929 e a Revolução de 1930 deram início à transição de um padrão de desenvolvimento capitalista fundamentado na agroexportação para um modelo baseado na indústria<sup>32</sup>. Segundo Pesavento, durante a Grande Depressão, as desvalorizações cambiais sucessivas colaboraram para a formação de uma certa proteção às manufaturas, na medida em que aumentavam o preço dos produtos importados. Junto a isso, tem-se a ascensão de novos grupos sociais ao poder político, como uma burguesia agrária não-exportadora e militares, que defendiam o interesse nacional como um todo, incluindo os comerciantes e industriais. A expansão do Curtume, como a da maioria das indústrias gaúchas da época, portanto, se deu

---

<sup>29</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985, p. 30.

<sup>30</sup> PESAVENTO, 1985, p. 30.

<sup>31</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPERA, 1996, p. 141.

<sup>32</sup> PESAVENTO, 1985, p. 74.



principalmente com a II Guerra Mundial. Este período é lembrado pelos moradores de Tapera como o de maior atuação do Curtume, atraindo mão-de-obra de fora para trabalhar nos três turnos – manhã, tarde e noite.

As Indústrias Reunidas Alto Jacuí, de propriedade de Guido Mombelli, eram compostas por diversos segmentos, como fábricas de cadeiras, sabão e cerâmica, construtora, sapataria, atafonas e o carro-chefe de todas, o Curtume Mombelli & Companhia, além de outro curtume em Santo André, em São Paulo<sup>33</sup>. Foi essa mudança de orientação econômica que beneficiou a expansão do empreendimento em Tapera e favoreceu o “espírito empreendedor” de Guido Mombelli, característica sempre mencionada na bibliografia de caráter laudatório e na imprensa local, possibilitando a criação de novos estabelecimentos<sup>34</sup>. O espaço ocupado pelo empreendimento na região era realçado pelo *Jornal da Serra*, periódico de Carazinho, em 1937:

Entre os grandes estabelecimentos que Carazinho se orgulha, incontestavelmente que ocupava lugar de destaque as importantes Indústrias Reunidas Alto Jacuí, da poderosa firma Mombelli & Cia. [...] aos poucos foi se desenvolvendo, a mercê da grande capacidade de trabalho e preparo técnico de seu esforçado e digno diretor Sr. Guido Mombelli, que sempre contou com devotados auxiliares. Montou ali um modesto curtumezinho, que dentro de alguns anos tornou-se o que era atualmente, uma das mais bem montadas e organizadas indústria de couro. Dotada de máquinas modernas e adequadas ao preparo de diferentes espécies de peles, essa indústria prosperou grandemente, atingindo alto grau de aperfeiçoamento.<sup>35</sup>

A variedade de atividades dever-se-ia ao “espírito empreendedor” de seu proprietário, à sua capacidade de iniciativa, conforme o *Jornal da Serra*, e, mais concretamente, a sua preocupação em “girar” o capital. Muitos dos trabalhadores iniciavam suas atividades nesses pequenos negócios e depois ingressavam no principal de todos, o Curtume<sup>36</sup>.

A reportagem acima reproduzida foi publicada para notificar um incêndio gigantesco que atingiu a maioria das instalações do Curtume, impossibilitando a continuação das atividades. O fogo destruiu os couros prontos para a exportação,

---

<sup>33</sup>Entrevistas de Ricardo Mombelli, 07/10/2010; Maria de Lourdes Mombelli, 07/10/ 2010; Ilda Brunori, 03/10/2010.

<sup>34</sup> Entrevista de Ricardo Mombelli, Porto Alegre, 07/10/ 2010

<sup>35</sup> *Jornal da Serra*, Carazinho. 08/03/1937, p. 3.

<sup>36</sup> É o caso da Ilda Brunori, que começou na construtora, e Maria de Lourdes Mombelli, que trabalhou na fábrica de cerâmicas. O inverso também era possível, como no caso de Anildo Sarturi, que começou no curtume e depois foi para a sapataria.

avaliados em 350:000\$000. Ficamos com um registro, no jornal da região, sobre o Curtume na época:

O capital registrado da firma é de 600:000\$000 mas ela girava com um capital de 1.500:000\$000, capital esse dos sócios. Trabalhavam diariamente 250 operários, que ficaram sem trabalho por alguns meses. A firma Mombelli mandou construir 50 casas para seus empregados. É grande o pesar entre os trabalhadores pela terrível catástrofe que destruiu o curtume. Muitas pessoas choraram quando o fogo tornara impossível salvar-se o importante curtume<sup>37</sup>.

Esse episódio é importante para percebermos a importância econômica que o estabelecimento tinha na região e o impacto que sua destruição causou na comunidade. Com o fogo, vinha o medo de perder o emprego e o sustento da família, além de outros benefícios como as casas. O incidente ficou marcado na memória dos trabalhadores, conforme relata Maria de Lourdes Mombelli, secretária da empresa na década de 1940 e nora de Guido:

Todos corriam espantados. O fogo já ia alto, alastrando assustadoramente... Muita gente viu de longe o clarão das chamas e a fumaça. Tapera parecia implodir! Veio gente de todos os pontos, de Carazinho, de Não Me Toque, de Ibirubá, de Espumoso, de Lagoa dos Três Cantos, de Selbach, de Cochino... O povo, nas ruas, chorava pelo pavor de perder suas casas, seus pertences, seus empregos...[...] No dia seguinte, foi muito triste ver os operários chorando a perda do emprego. No meio das cinzas ainda quentes, Guido Mombelli consolava-os dizendo:  
- Não chorem, logo iremos reconstruir tudo!  
Da coragem e da fé de Guido, do esforço conjunto de todos, pouco depois ressurgiu, dos escombros, um novo Curtume Mombelli<sup>38</sup>.

Nesse depoimento, percebemos uma das características fundamentais do paternalismo: a assimilação do chefe com o pai. Guido Mombelli consolou seus operários pela perda dos empregos e assumiu a responsabilidade de reconstruir o estabelecimento, cumprindo com a obrigação de resguardar seus protegidos. O alcance da destruição chocou os operários e moradores em geral. Para apagar as chamas e evitar que elas se alastrassem à vila operária, que se localizava ao lado, todos colaboraram com baldes de água, formando filas para apagar as labaredas. Havia, como foi dito, o medo de perder o emprego com a queima do estabelecimento. De fato, em junho daquele ano, o número de trabalhadores passou de 250 para 150, “esperando-se em

---

<sup>37</sup> *Jornal da Serra*, Carazinho. 08/03/1937, p. 3.

<sup>38</sup> MOMBELLI, Maira de Lourdes. O incêndio. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPERA. **Tapera - a caminhada de um povo**. Tapera: Gráfica SEGIGRAF, 1997, p. 40.

pouco tempo tudo estar nas primitivas proporções com as máquinas que foram encomendadas”<sup>39</sup> .

Apesar desse revés, o número de trabalhadores sob o comando de Guido e o dinamismo das atividades tenderam a aumentar durante a sua direção. Segundo Maria de Lourdes Mombelli: “A maior parte dos moradores trabalhava com ele. Fora desse meio era muito pobre. O pessoal procurava, porque afinal não era em todo o lugar que tinha emprego, sempre foi aplicada toda a legislação trabalhista”. Ou seja, não era apenas em função dos benefícios recebidos que os empregados eram dominados, mas também pelo cumprimento de seus direitos trabalhistas. Essa questão é explicada por Alexandre Fortes, ao analisar o caso da Renner, mas que acreditamos se adequar também para a situação do Curtume aqui estudado:

Ao contrário de outros modelos de gestão industrial paternalista implantados no país, nos anos 30 e 40, e da lógica predominante entre os empresários do Rio Grande do Sul, a concessão de benefícios, na empresa, não se fazia em detrimento do cumprimento da legislação trabalhista. (...) sua existência marcava uma nova era, defendendo que os direitos sociais deveriam superar a filantropia sem, entretanto, afetar a estrutura de poder das relações sociais fundamentais e o ‘princípio natural da hierarquia’. O operário devia ser amparado não porque seu patrão se tenha condoído de sua sorte, mas porque é um direito que lhe é reconhecido<sup>40</sup>.

Aliado aos benefícios e ao cumprimento das leis trabalhistas, o fornecimento de emprego se constituía na principal forma de dominação. Afinal, não existiam outros estabelecimentos desse porte na região de Tapera. No levantamento feito pelo Plano de Ação Sesi<sup>41</sup>, em 1956, após a emancipação de Tapera e da morte de Guido, o Município contava com 367 operários, distribuídos em 111 indústrias. Dessas, 36 eram atafonas, 16 de beneficiamento de madeira e 14 olarias. No entanto, o maior número de operários estava concentrado numa só empresa de couro curtido e couro verde, o Curtume Mombelli & Cia, com 130 operários. Em seguida, vinham os seguintes estabelecimentos: Cerutti Batistella, com 3 operários; Moinho Taperense, com 4 fixos e 2 safristas; e Gonçalves Corazza e Cia, com 4 menores. Além da diferença em número de servidores, nenhuma das empresas oferecia assistência. Enquanto isso, o Curtume

---

<sup>39</sup> *Jornal da Serra*, Carazinho, 03/06/1937. p. 3.

<sup>40</sup> FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Edusc.; Rio de Janeiro; Garamond:2004. p. 204

<sup>41</sup> Plano de Ação Sesi. Porto Alegre, 1956. Biblioteca da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs).

proporcionava “aluguel a Cr\$200,00 em média de 80 casas de madeira de propriedade da firma. Adiantamento de salário em caso de doença”<sup>42</sup>.

Em todos os depoimentos, o patrão aparece como uma pessoa boa e seus negócios, bem quistos pela cidade, pois davam trabalho aos seus moradores. Sempre que questionados sobre possíveis críticas à Indústria, os entrevistados negaram enfaticamente que houvesse quem reclamasse, já que os empreendimentos traziam desenvolvimento para a localidade. Por vezes, eles comentavam que existia mau cheiro ou poluição das águas, mas que a comunidade aceitava o incômodo em função dos benefícios oferecidos por Mombelli. Devido aos produtos químicos utilizados na curtição do couro, o arroio da cidade tornou-se inapropriado para banho. Também o cheiro forte e desagradável que saía da fábrica infestava o ar, deixando a cidade com um péssimo odor. No entanto, de acordo com os depoentes, esses prejuízos eram aceitos pela maioria e aparentemente compensados pelo crescimento econômico. Anildo Sarturi e Ilda Brunori sintetizam bem esse pensamento:

Tinha cheiro, todo mundo sentia. Mas quem morava lá não sentia, se acostumava. O pessoal que vinha de fora é que sentia. Começou a poluir muito o arroio de Tapera. No meu tempo de guri, antes do Curtume, a gente tomava banho e pescava. Depois, com a poluição do Curtume, os dejetos iam todos para o arroio, acabou com o arroio de Tapera. Hoje acho que eles lançam os dejetos longe, além do arroio. Não reclamavam, os de Tapera se acostumavam<sup>43</sup>.

Não tinha o que falar dele, era um homem muito bom. E antigamente todo mundo dava graças a Deus porque tinha esse Curtume. Também, era o único lugar que dava serviço, era difícil pessoas que não trabalhavam ali. Agora [depois de 1997, com os novos donos] estão criticando por causa do cheiro, falam que eles não pagam bem. Pagam um salário mínimo porque são obrigados. Antigamente eles ganhavam bem, principalmente os mais qualificados, era bem mais que o salário mínimo<sup>44</sup>.

Embora não apareça como uma crítica nas falas dos depoentes, a poluição do arroio chegou a motivar um processo judicial contra a Indústria. Em 1952, quando da morte de Guido, a Firma Mombelli teve ganho de causa na ação de servidão de águas, movida pelos vereadores de Tapera. A vitória contou com o apoio da população da cidade, de acordo com o jornal local:

Vem dar ganho de causa à firma Mombelli & Cia, reconhecendo seus direitos sobre a utilização dessas águas que inegavelmente é o sustentáculo da colossal indústria que é orgulho de Carazinho, pois no

---

<sup>42</sup> Plano de Trabalho Sesi: 1956. Biblioteca da Fiergs.

<sup>43</sup> Entrevista de Anildo Sarturi, Porto Alegre, 39/09/2010.

<sup>44</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/ 2010.

gênero é uma das maiores do Brasil, enriquecendo assim o nosso parque industrial. O desfecho dessa rumorosa ação foi muito bem recebido nessa cidade, onde o caso vinha sendo acompanhado com interesse. Por esse motivo, o Sr. Vicente Fonseca [genro de Guido e seu sucessor na direção], dinâmico sócio gerente da firma e seus advogados, foram muito cumprimentados<sup>45</sup>.

Com a morte de Guido, os negócios foram passados aos seus dois filhos homens mais velhos, Ari e Plínio, e ao genro, Vicente Fonseca, casado com Lidia Mombelli. O número de empregos e os benefícios sociais prosseguiram durante os anos seguintes<sup>46</sup>, chegando até a geração dos netos, na década de 1990, quando a firma decretou falência e foi vendida a uma companhia maior - o Grupo Bom Retiro - que reduziu as atividades, mas permaneceu funcionando.

## 1.2 O Velho Guido

Nascido em Guaporé em 1883, filho de imigrantes italianos, Guido começou a trabalhar desde os seis anos de idade, motivado pela ambição de ganhar dinheiro e ficar rico. A vontade de enriquecer e tornar-se um homem importante foram os objetivos principais de sua vida; para isso, deveria trabalhar intensamente, estendendo esse princípio também para todas as pessoas que a ele servissem<sup>47</sup>. Nos depoimentos, todos apontam para a jornada extensiva de 12 horas diárias de serviço, de segunda a sábado. O Curtume estava sempre em funcionamento e os empregados eram acordados durante a noite para atenderem as demandas: “Eu morava aqui, era pertinho. Eles vinham de madrugada me chamar para eu dar dinheiro. Eles não tinham a chave do cofre, quem tinha era só eu. Pra mim era uma honra, ter a confiança”<sup>48</sup>; “Tinha uma máquina só e seguidamente encrencava, só eu que entendia daquelas máquinas. Me chamava de noite, até três vezes eu tinha que ir lá, levantar e ir lá arrumar. Os caras ficam trabalhando, não tinha prática, aí me chamavam que eu ia acertar a máquina”<sup>49</sup>.

Foi na cidade natal que ele aprendeu a curtir couro e abriu seu primeiro curtume, ao lado da esposa, Adelina. Foi então que descobriu o potencial de enriquecimento da

---

<sup>45</sup> *Jornal da Serra*, Carazinho, 10/05/1952, p. 5

<sup>46</sup> No ano de 1971, o Curtume tinha 180 empregados. SESI, *Relação das Indústrias com mais de 50 empregados no Estado do Rio Grande do Sul*, novembro de 1971. p. 30.

<sup>47</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPERÁ, 1996, p. 149; BICCOCHI, Déa, 1997, p. 7; Entrevista de Maria de Lourdes Mombelli, 07/10/2010.

<sup>48</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

<sup>49</sup> Depoimento de Egon Gengnagel, Tapera, 02/10/2010.

mercadoria, adotando a expressão que usaria por toda a vida: “Couro é Ouro”<sup>50</sup>. Depois de trabalhar como representante comercial e construtor em Porto Alegre, instalou-se na vila de Tapera. Ficou definitivamente na cidade, onde até hoje permanece boa parte de seus familiares. Contribuiu para essa decisão o fato de, na localidade, ele ter o maior negócio, a maioria das terras e comandar um número grande de trabalhadores. Ali, teve, portanto, a oportunidade de ser um homem importante e exercer a sua vontade de mando, de acordo com sua personalidade: “Uma personalidade fortíssima, cada vez mais acentuada, fazia do Sr. H.<sup>51</sup> (Guido Mombelli) um dominador”<sup>52</sup>; “Era um empresário que tinha uma visão ampla. Contam que ele tinha terra espalhada na cidade. Apontava para todas as regiões e dizia: ‘isso aqui é meu no norte, leste, oeste. Aqui é meu’. (hehehe) Então ele primava por essa imagem de poder”<sup>53</sup>.

A visão do homem dominador, que gostava de mandar, gritava com as pessoas e se fazia obedecer, foi apontada principalmente pela família. Na descrição de seus operários, como Egon, Ilda e Anildo, pelo contrário, Guido aparece como uma pessoa muito boa, alegre, que cumprimentava todo mundo, sempre sorrindo. É nos depoimentos de Maria de Lourdes Mombelli, Ricardo Mombelli e no livro de sua filha, Déa Mombelli Bicocchi, que encontramos aquelas características fortemente sublinhadas:

Ele era dinâmico e muitas vezes nervoso. Quando ele falava e se exaltava, ele gostava de gritar com as pessoas. Eu me lembro, não sei o que ele disse lá e eu fiz a minha carta de demissão e botei na mesa dele. Eu não queria mais trabalhar lá. Daí ele me chamou. Ahh, ele ficou tão triste. Me disse: “mas o que aconteceu?” Eu disse: “pois é, mas eu não preciso trabalhar aqui”. “Não, mas o que foi?” Eu reclamei foi do tratamento, aquela gritaria, eu não agüentava mais. Não foi diretamente comigo, mas eu não gostei. Eu enfrentava ele e dizia, não tinha medo dele. Tratava de igual para igual. Ele gostava de gritar<sup>54</sup>.

O trecho acima destaca o seu lado duro, sempre dando ordens aos funcionários, aos gritos, mas também aponta sua capacidade de voltar atrás e preocupar-se com o tratamento oferecido, resolvendo os pequenos atritos que surgiam no ambiente de trabalho. Maria de Lourdes permaneceu no cargo após a conversa e, alguns anos mais tarde, casou-se com seu filho, Ari Mombelli.

---

<sup>50</sup> BICOCCHI, Déa. O Senhor H. 1997, p. 17

<sup>51</sup> Sr. H. é como a autora se refere a Guido Mombelli, personagem principal do livro.

<sup>52</sup> BICOCCHI, 1997, p. 25.

<sup>53</sup> Entrevista de Ricardo Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

<sup>54</sup> Entrevista de Maria de Lourdes Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010

A importância econômica de seus negócios, aliada a sua personalidade forte, faziam com que ele comandasse a cidade e fosse respeitado pelos moradores. Percebe-se isso na fala de seus funcionários, como Arnildo Sarturi: “era um homem que tinha força. Imagina, com uma indústria de 250 operários, chegou a ter 400 operários, toda essa gente dependia dele. Era o dono da Aldeia”. Na família, seu controle também era amplo: “tão marcante essa liderança inata que até seus filhos homens, depois de adultos, chamavam-no de ‘o chefe’. De chefe continuou a ser chamado mesmo depois de sua morte.”<sup>55</sup>



Operários do Curtume em frente à residência de Guido Mombelli em 1942  
Acervo pessoal de Ricardo Mombelli

Na fábrica, a imagem de patrão bondoso e atencioso com os operários parece predominar: “O Guido era um homem muito bom. Isso aqui [aponta para a casa] eu posso agradecer pra ele”<sup>56</sup>. Fora do trabalho, era considerado uma pessoa alegre e carismática:

Às vezes ele ia com um ou mais vendedores e jantava lá em casa. Ele sempre foi muito alegre, eu era criança e ele brincava comigo, batia na minha cabeça. Ele era uma pessoa alta, forte, meio míope, usava óculos, alegre, muito brincalhão. Chegava no hotel, ia na cozinha, abraçava a minha vó: “ah, dona Beta, eu tenho três visitantes que vão jantar ou almoçar aqui, faz uma boa comida”. E depois ia falar com o meu avô. Era uma pessoa muito boa, muito estimada<sup>57</sup>.

A imagem de patrão ativo e atencioso não se restringia ao ambiente de trabalho, estendendo-se também para comunidade local, que se beneficiava do Curtume. O Hotel

<sup>55</sup> BICOCCHI, 1997, p. 26

<sup>56</sup> Entrevista de Egon Gengnagel, Tapera, 02/10/2010.

<sup>57</sup> Entrevista de Arnildo Sarturi, Porto Alegre, 29/09/2010

dos Viajantes, por exemplo, lucrava com a vinda de caixeiros viajantes para a cidade, atraídos pela grande indústria, e por isso Guido contava com a amizade do proprietário. Era essa relação “familiar”, possibilitada pela “simpatia” de Guido, pela personificação das relações de trabalho e poder na sua figura, a alma do seu negócio.

A presença de Guido no local de trabalho, sendo o primeiro a acordar com o apito do Curtume, é lembrada por todos. Isso era facilitado pelo fato de sua casa localizar-se na frente da fábrica; por isso, qualquer barulho era escutado por ele. No dia do incêndio, ele foi um dos primeiros a chegar para tentar apagar as labaredas. Além da presença, a comunicação era sempre constante com os empregados, valendo-se de uma linguagem direta e compreensível aos dois lados. Essa aproximação consolidava os laços semelhantes aos familiares, como foi apontado acima. São esses comportamentos que contribuem para a adesão dos trabalhadores à empresa e para o funcionamento de seu modo específico de dominação. Encontramos aqui os elementos básicos apontados por Michelle Perrot para caracterizar o paternalismo, citados na introdução.

### 1.2.1 A sucessão do Falecido Guido

O “chefe” morreu no dia 11 de fevereiro de 1952, de câncer no intestino. A janela de seu quarto dava para o cinema da cidade, onde a Banda Aurora, que ele mesmo ajudou a fundar, ensaiava. Dias antes de morrer, chamou o contramestre do grupo para ter uma conversa particular:

- Comecem a ensaiar a marcha fúnebre, quero um enterro à altura do meu nome, com todos os componentes da banda bem afinados.

- Não se preocupe, já estamos ensaiando há duas semanas – respondeu o contramestre<sup>58</sup>.

A banda, de fato, compareceu completa. Em cada instrumento, uma fita preta em sinal de luto: “Foi bem o que ele queria, o maior enterro da época”<sup>59</sup>. Essa história, contada em tom de brincadeira pelo seu neto, Ricardo Mombelli, revela um pouco da mitologia que se criou em torno de Guido, incentivada principalmente por ele. Os detalhes preparados por ele mesmo revelam a preocupação de preservar a sua memória. O planejamento deu certo, visto a participação popular no seu funeral. A perda foi grande para a cidade, de acordo com o que foi noticiado na imprensa da época:

---

<sup>58</sup> Entrevista de Ricardo Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

<sup>59</sup> BICOCCHI, 1997, p. 68.



O falecimento do grande industrial Guido Mombelli trouxe profundo pesar, principalmente em Tapera, onde residia, contando com a amizade, pode se dizer, de toda a população taperense que cheia de dor, lotou a casa mortuária a fim de prestar as últimas homenagens ao ilustre morto<sup>60</sup>.

A morte do dono do Curtume despertou, entre seus funcionários, muita tristeza e apreensão quanto ao futuro do empreendimento. Embora a direção já estivesse nas mãos de seus sucessores, era Guido, na cama, que passava as instruções. Com seu falecimento, a empresa parou dois dias, em sinal de luto. Os novos diretores - seus filhos, Plínio e Ari, e o genro, Vicente Fonseca, conforme já foi apontado mais acima - mantiveram a mesma política em relação aos operários, ampliando o leque de benefícios com a criação da “Assistência Social Própria”.<sup>61</sup> A Fundação oferecia alimentação, moradia e assistência médica aos operários e suas famílias. Entre 1959 e 1963, tal organização beneficiou 660 pessoas com 8.850 consultas médicas, 25.600 medicamentos fornecidos, 890 hospitalizações, 260 intervenções cirúrgicas e 20 casos de especialistas<sup>62</sup>.

A criação de entidades beneficentes para os operários, neste caso, foi iniciativa dos patrões e não dos proletários, o que certamente tinha um objetivo político. Como coloca Margareth Rago, analisando outro contexto, essa atitude expressa a vontade dos dirigentes de transformar a classe operária em um grupo coeso e obediente, e evitar antecipadamente protestos e reivindicações:

É evidente que o empregador não poderia apenas reprimir, excluir e punir a força de trabalho, já que precisava garantir sua coesão e unidade no interior da produção: por isso mesmo, a auto-imagem paternalista que alguns industriais constróem, e que a historiografia incorpora sem questionar sua dimensão ideológica, visa reforçar sua autoridade, simbolizada na figura do pai, e assegurar a integração do trabalhador ao aparato produtivo.<sup>63</sup>

Voltando ao caso do Curtume, apesar da continuidade dos benefícios, essa transição foi apontada como o começo da falência da empresa, embora isso tenha acontecido bem mais tarde, na década de 1990. A crise originou-se, na interpretação de seus operários, do despreparo dos sucessores e das propostas de modernização:

---

<sup>60</sup> *Jornal da Serra*, Carazinho. 12/02/1952, p. 6

<sup>61</sup> FONSECA, Lydia Mombelli. **Tapera**. Ed. Nova Dimensão. Porto Alegre: 1987, p. 44.

<sup>62</sup> FONSECA, 1987, p 45

<sup>63</sup> RAGO, Margareth. **Do Lar ao Cabaré**: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1985. p. 85.

Foi depois que eles assumiram. Eles já trabalhavam lá. Agora, bons como o velho não tinha, para nós ali do escritório. Todo mundo fala que quem quebrou isso aí foram os filhos, gente nova, que não tinha prática. Ainda depois eles começaram a comprar umas máquinas caríssimas. Tu sabe, gente nova acha que precisa. Foi ali que começou. Porque o Curtume tava super bem.<sup>64</sup>

Depois que morreu o Guido começou a decadência. Ele era a alma, o esforço do Curtume. Acho que o Plínio não tinha muita experiência, daí começou a decair e acabaram vendendo. A decadência foi lenta. Mas eles pegaram numa época boa, de progressão<sup>65</sup>.

Foi essa a imagem que permaneceu entre os funcionários. Era, na visão deles, Guido Mombelli quem mantinha o Curtume ativo e produtivo. Depois dele, a situação não teria sido mais a mesma, pois seus herdeiros não possuiriam a mesma capacidade. Tal visão não condiz com os dados econômicos, que revelam aumento do quadro de funcionários e do alcance da assistência aos trabalhadores.<sup>66</sup> Porém, Guido era o símbolo do “tempo bom” na memória coletiva, quando a indústria prosperava, os trabalhadores eram beneficiados e todos tinham emprego.

### 1.3 O Trabalho

Como foi dito, o estabelecimento era atrativo para a mão-de-obra, recebendo pessoas de outras cidades da região, como Soledade, Espumoso, Selbach, Ijuí, em busca de oportunidades de emprego. Este é o caso da família de Egon Gengnagel, que veio com o pai e os irmãos do interior de Ijuí para trabalhar no Curtume, todos conseguindo emprego no estabelecimento:

Todos vieram para cá, desde esse tempo nós estamos em Tapera. Meu pai não podia mais trabalhar, era estrangeiro. Foi por causa da guerra, era contra a Alemanha, não podia mais lecionar. Então ele veio para Tapera, falou com o seu Guido e diz ele: “não, não, podem vir aqui trabalhar”. Desde aquela época fiquei no Curtume. Nós viemos em oito, o pai e todos os filhos. Foi no ano 1941, dia primeiro de julho de 1941, nunca mais me esqueço. Eu comecei a trabalhar no curtume e larguei agora, em 2001. Trabalhei 60 anos. Eu fechei 60 anos.<sup>67</sup>

Apesar de oportunizar empregos, as condições de trabalho no chão da fábrica eram difíceis e sofridas. Os primeiros dias de Egon não foram fáceis, como ele mesmo relata,

---

<sup>64</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/ 2010.

<sup>65</sup> Entrevista de Anildo Sarturi, Porto Alegre, 29/10/ 2010.

<sup>66</sup> SESI, Relação das Indústrias com mais de 50 empregados no Estado do Rio Grande do Sul, novembro de 1971, p. 30; FONSECA, 1987, p 44.

<sup>67</sup> Entrevista de Egon Gengnagel, Tapera, 02/10/2010.

devido à pobreza em que vivia e à diferença existente entre o trabalho agrário e o fabril. Se antes ele podia contar com a ajuda do meio natural para sanar as dificuldades, como uma fogueira para se esquentar ou árvores frutíferas para se alimentar, agora precisava se adequar ao chão gelado e úmido e ao horário para as refeições:

Era frio, frio, frio. Naquele tempo a gente era muito pobre, tinha só umas roupinhas qualquer. Na roça a gente tapeava, fazia um foguinho aqui e ali, para se esquentar. No Curtume não, a gente tava mal de roupa. Olha, o que a gente sofreu. A gente sofreu bastante. E depois para fazer o Curtume, porque eu ajudei a fazer desde o início, era muito úmido, uns banhados. A gente tinha que cavocar, máquina não existia, era tudo a mão. Foi feito com muito sacrifício para chegar até onde tá hoje<sup>68</sup>.

Devido à condição insalubre do serviço, a empresa valia-se de alguns artifícios para minimizar os danos. Essa atitude era vista como uma dádiva do chefe e não como uma necessidade ou uma obrigação legal. O couro, por sua natureza, deixava o ambiente fétido a ponto de contaminar o ar da cidade e os funcionários que trabalhavam diretamente com o material. Para minimizar o odor, o Curtume distribuía sabão aos seus funcionários, produzido num outro negócio da Companhia. Para eles, era uma vantagem; para a empresa, uma obrigação:

Digamos assim, ele [Guido Mombelli] se preocupava porque um operário do Curtume não era bem visto na cidade por causa do cheiro. Qualquer coisa que tocasse, ficava o cheiro do couro. Eram estigmatizados, como uma casta. Então ele distribuía sabão, barra de sabão para a limpeza<sup>69</sup>.

Da mesma forma, era comum a distribuição de leite para quem trabalhava com produtos químicos, por acreditar-se que fosse desintoxicante ou preventivo para intoxicações: “eles tinham uma granja, davam leite, mais para o pessoal que trabalhava lá dentro, na fábrica. Agora eu tenho certeza que eles não dão mais. Com o falecido Guido isso funcionou que era uma beleza”<sup>70</sup>. Tais “concessões” motivavam a gratidão dos operários, amenizavam as condições de trabalho e davam credibilidade ao patrão.

### 1.3.1 O Apito do Curtume

Quando o apito do Curtume sinalizava seis horas da manhã, os portões eram fechados e todos os funcionários tinham que estar dentro da fábrica, senão entravam

---

<sup>68</sup> Entrevista de Egon Gegnagel, Tapera, 02/10/2010.

<sup>69</sup> Entrevista de Ricardo Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

<sup>70</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 02/10/2010.

apenas no período seguinte. O horário era controlado pelo relógio-ponto, que marcava o tempo trabalhado: “Lá era assim: quando apitava, fechava a porta e ninguém mais entrava, mas quando vinha um ali perto, eu pensava pra que né?, se atrasou dois ou três minutos, eles moravam longe, daí eu deixava entrar”<sup>71</sup>. Os atrasos eram descontados na folha de pagamento. Quando as horas não trabalhadas eram muitas, corria-se o risco de perder o domingo de folga.

As faltas também eram descontadas do salário. No final do mês, quem não tinha nenhuma falta ou atraso recebia um rancho, ou seja, uma cesta básica de alimentos. A concessão era um incentivo para evitar as ausências: “Quando a gente se atrasava, não podia, tinha relógio ponto e daí no fim do mês descontavam. E outra coisa, não ganhava o domingo da semana. E quem não tinha nenhuma falta, no fim do mês ele dava um rancho”<sup>72</sup>. O tempo do trabalhador, portanto, é pago pelo patrão e cada minuto a menos significa dinheiro posto fora. Thompson discute esse ponto, ao tratar da passagem da orientação por tarefas realizadas para o trabalho com horário marcado:

Essa mediação incorpora uma relação simples. Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.<sup>73</sup>

O controle do tempo era estendido para a vida particular dos empregados. Egon, como foi dito, participava do conjunto musical da cidade que animava os bailes da região. Muitos deles aconteciam nos dias da semana e duravam até de manhã cedo, prejudicando o desempenho na fábrica. Para evitar esse problema, Guido Mombelli proibiu o empregador de tocar:

Quando eu tinha o contrato de 5 anos, eu tocava num conjunto. Então ele me proibia, pra não falhar muito. Tocava a noite inteira e no outro dia tinha que tá no serviço. Naquele tempo o baile era em dia de semana, aquele baile alemão do Kerb, durava dois, três dias. Ele me proibiu. E depois, quando ele entrou na banda, me mandou chamar. Eu fui no escritório e diz ele: “Egon, pode tocar teu baile”. Me deu licença de novo para tocar. Naquela época era baile sábado e domingo, não tinha outro conjunto, só a gente. Era festa e festa<sup>74</sup>.

---

<sup>71</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

<sup>72</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

<sup>73</sup> THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 272.

<sup>74</sup> Entrevista de Egon Gagnagel, Tapera, 03/10/2010.

A proibição durou até a fundação da Banda Aurora, quando Egon foi convidado a tocar junto com o chefe. Nessa situação, os atrasos e as dispensas foram perdoados, em nome da manutenção da alegria no salão de baile.



Banda Aurora: sentado, da direita para a esquerda, Egon Gangnagel com seu trompete e, no canto esquerdo, Guido Mombelli com o bombardino. Acervo pessoal de Egon Gangnagel.

#### 1.4 As Casas Azuis

Nos terrenos que comprou ao redor do Curtume, Guido Mombelli construiu casas para seus funcionários. Muitos vinham de fora e não tinham onde se instalar. As edificações da Vila Operária, reconhecidas visualmente pela cor azul, eram de madeira, fabricadas pela construtora também de propriedade de Guido Mombelli. Delas, era cobrado aluguel, descontado mensalmente no final do mês da folha de pagamento. Na década de 1950, contava-se com 150 casas<sup>75</sup>. O terreno não era cercado, localizando-se dentro da cidade e em contato direto com outros moradores. Apesar de consideradas em grande número para Tapera, as moradias não atendiam a todos os funcionários, como revela a carta de uma moradora publicada em jornal:

Para se ter uma idéia, basta ver o progresso de Tapera desde então [1933]. Rara é a semana em que as Indústrias Alto Jacuí não mandem construir uma casa para seus inúmeros operários que afluem de todas

---

<sup>75</sup> SESI. **Plano de Ação Sesi**. Porto Alegre, 1956. Biblioteca da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), p. 47.

as partes e mesmo assim há uma grande falta de casas, havendo mesmo algumas onde residem duas famílias<sup>76</sup>.

A vila operária é uma forma específica de dominação, com controle direto não somente da produção, mas também de outras esferas da vida fora da fábrica. No caso do Curtume, a missa do domingo, por exemplo, era celebrada na capela da vila e os bailes eram comemorados no Salão Azul, feito por Guido, animados pela Banda Aurora, com o chefe tocando bombardino. Depois do trabalho, os operários continuavam na propriedade do patrão, devendo seguir as regras por ele estipuladas. Nestes casos, a autoridade do chefe permanece, como coloca José Leite Lopes, com o aumento da abrangência de sua ação sobre as condições de existência de seus trabalhadores, de sua presença no dia-a-dia dos empregados<sup>77</sup>.



Curtume Mombelli no centro com a Vila Operária à esquerda em 1937. BICCOCHI, 1997, anexos.

A moradia era também utilizada como forma de atrelamento da mão-de-obra, para evitar que seus funcionários saíssem para trabalhar em outras indústrias. Foi o que aconteceu com Egon Gagnagel, quando o Curtume Fasolo, de Bento Gonçalves, lhe fez uma proposta de trabalho, duplicando seu salário. A fim de continuar com o empregado que conhecia as máquinas, Guido prometeu-lhe facilitar a propriedade da casa e do terreno, com o pagamento das prestações apenas no final do ano, quando recebia as gratificações pelas vendas de couro. Para isso, era preciso assinar um contrato de cinco anos, como garantia de sua permanência na empresa:

<sup>76</sup> Carta de Myrtes Lacio. *Jornal da Serra*, Carazinho, 11/03/1938, p. 1.

<sup>77</sup> LOPES. José Sérgio Leite, 1988, p. 38

Eu assinei o contrato de cinco anos, cinco anos eu tinha compromisso com ele, não podia sair. Mas eu pagava por isso no fim do ano, por gratificação que ele me dava. Com aquilo, eu pagava a casa e os terrenos. *Despois*, quando ele ficou mal para morrer, ele me mandou chamar, lá na cama dele onde ele faleceu, na casa dele. Eu tive de encostar o ouvido em cima da boca dele para escutar o que ele estava falando. Diz ele: “Egon, eu mandei o Vicente, era o genro que assumiu no lugar dele, eu mandei o Vicente tirar a escritura da tua casa”. E no outro dia ele faleceu. Pra mim era um patrão muito bom<sup>78</sup>.

Portanto, Guido Mombelli ofereceu a moradia em troca da fidelidade do operário. Egon era o único que entendia das máquinas e era chefe de seção, homem de confiança do proprietário. Assim, era importante que ele continuasse prestando seus serviços para manter a produção. Na véspera de sua morte, Guido suspendeu o pagamento do financiamento da casa, quitando a dívida e entregando a escritura para seu empregado. Egon mora com a esposa ainda hoje nessa casa.

### 1.5 O Grupo Escolar

Na década de 1930, Tapera contava apenas com um professor estadual, Joaquim Fernandes do Pillar, com turmas multiseriadas do primeiro ao quinto livro. A escola funcionava na sua casa, pela manhã e à tarde. À noite, o professor lecionava música e contribuiu para a formação da Banda Aurora, patrocinada pelo Curtume Mombelli.<sup>79</sup> Em 1933, instalou-se em Tapera a Escola Nossa Senhora Imaculada, mantida pelas irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Jesus, a pedido da comunidade católica da localidade. O ensino era particular e boa parte da população não tinha recursos suficientes para pagá-lo, permanecendo analfabeta. A falta de escolas era um dos principais motivos de reclamação e atingia principalmente a classe trabalhadora. A crítica publicada pelo *Jornal da Serra* reflete essa situação:

É preciso que esses filhos de operários, que são numerosos e cujos pais não podem pagar uma taxa mensal, tenham o direito e o meio de se instruírem. Si Boa Esperança e Selbach já têm seu Grupo Escolar decretado, porque Tapera que possui as Indústrias Alto Jacuí que honram não só o município mas o Estado e o Brasil, que possui ótimos médicos, grandes casas comerciais e ainda pequenas indústrias, que é, enfim, o mais florescente distrito de Carazinho, não tem ainda seu Grupo?<sup>80</sup>

---

<sup>78</sup> Entrevista de Egon Gegnagel, Tapera, 02/10/2010.

<sup>79</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPERA, 1996, p. 231.

<sup>80</sup> Carta de Myrtes Lacio. *Jornal da Serra*, Carazinho, 11/03/1937. p. 1.

Foram justamente as Indústrias Alto Jacuí que patrocinaram a vinda do Grupo Escolar Barão de Caçapava para Tapera, em 1937. As aulas inicialmente funcionavam numa sala cedida por Guido Mombelli e depois foi construído um prédio no terreno doado pela empresa. Os professores provinham de outros municípios, trazidos por Guido Mombelli, e eram hospedados em sua casa. O interesse em patrocinar o colégio provinha, sobretudo, da carência de instrução de seus trabalhadores. A maioria era analfabeta e sem condições de patrocinar os estudos. Por isso, era preciso trazer uma escola pública, o que contribuiria também para a melhoria de seus negócios. Segundo Ricardo Mombelli,

Ele era preocupado com a educação, com a comunidade. Em Tapera existia o Colégio das Irmãs, que era pago. E os empregados, como ficavam? Então ele, preocupado com os funcionários, buscou ter um colégio público. Isso era interesse, ter uma visão do todo, porque se não tivesse ele não ia conseguir. Ele olhava tudo o que precisava e daí dava um jeito.<sup>81</sup>

O Curtume também doava tecido para a confecção de uniformes. Isso era visto como um ato de benevolência para os alunos e um sinal da bondade de Guido, conforme Ilda Brunori. No entanto, a doação era descontada do Imposto de Renda da empresa. Seu filho mais novo, que trabalhou na indústria, esclarece melhor sobre essa “caridade”: “eles tinham um convênio com o governo que abatia os impostos, daí eles davam esses uniformes para a escola”<sup>82</sup>.

Nos tópicos acima, analisamos os “benefícios” oferecidos pelo Curtume Mombelli do ponto de vista dos seus funcionários e o papel que esses desempenhavam no seu cotidiano, como forma de controle e dominação. A indústria, como principal fonte de emprego na localidade, desempenhava um importante papel dentro da comunidade, ao fornecer trabalho e atender demandas sociais como educação e energia elétrica. Para Alexandre Fortes, companhias como o Curtume Mombelli eram “provedoras de emprego, de oportunidades socioeconômicas derivadas do seu impacto sobre o crescimento local e o atendimento de demandas sociais dos seus trabalhadores e das respectivas famílias”<sup>83</sup>. Aliado a isso, o patrão carismático e participativo, presente no local de trabalho e nos eventos sociais, exercia uma posição de liderança junto aos

---

<sup>81</sup> Entrevista de Ricardo Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

<sup>82</sup> Entrevista de Jose Brunori, Tapera, 02/10/2010.

<sup>83</sup> FORTES, 2004, p. 202



moradores. Essa prática paternalista era interiorizada pelos operários e refletia-se na construção de sua identidade. É esse processo que analisaremos no próximo capítulo.

## 2. A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS TRABALHADORES DO CURTUME MOMBELLI

As características da dominação paternalista, abordadas no capítulo anterior, foram, nesta monografia, apreendidas e demonstradas com base nos depoimentos de ex-operários do Curtume Mombelli. Os testemunhos descrevem o cotidiano de um tempo vivido como trabalhadores, conforme esse foi aparecendo em suas recordações. Tal versão da história é influenciada pelo tempo presente, pela ótica de quem, anos depois, relembra os pontos principais que marcaram sua vida dentro de uma indústria e os adequa ao momento atual. Neste sentido, conforme Antônio Sá: “O território da memória é constituído pela dialética entre o passado e o presente, o que nos possibilita perceber como o presente condiciona a percepção do passado, exigindo revisões históricas e, ao mesmo tempo, em que medida está sendo influenciado pelo passado”<sup>84</sup>.

A memória seria então, como coloca Henry Rousso, “a presença do passado”<sup>85</sup>. Estudamos nessa pesquisa como se manifesta a sobrevivência ativa e passiva destas representações do passado na memória e, em consequência, nas práticas sociais das gerações posteriores, já que as lembranças também condicionam as práticas. Jacques Le Goff<sup>86</sup> se referiu à história como a forma científica da memória coletiva. Em seu trabalho, deixa claro que “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa”. Dessa forma, os depoimentos nos trazem diferentes evocações do trabalho no Curtume Mombelli, com a valorização de determinados acontecimentos e o esquecimento de outros.

Assim, constitui-se a memória de cada trabalhador, seja por meio do que viveu no seu dia-a-dia enquanto era funcionário da empresa, seja pelo que ficou registrado nos livros de memória e de história da cidade, em reportagens do jornal local, nos blogs que

---

<sup>84</sup> SÁ, Antônio Fernando de Araújo. A História do Presente como Tempo da Memória. In: **Semina - Cadernos dos Pós-Graduandos do Programa de Pós-Graduação em História** Revista, Vol. 4, nº 1.2005, pág. 03. Disponível em [http://www.upf.tche.br/download/editora/revistas/semina/semina\\_v4n1.pdf](http://www.upf.tche.br/download/editora/revistas/semina/semina_v4n1.pdf).

<sup>85</sup> ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996, p. 94.

<sup>86</sup> LE GOFF, Jacques (org.). Memória e História. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 46 e 13. IN: SÁ, Antônio Fernando de Araújo. A História do Presente como Tempo da Memória, 2005, p. 05.

abordam fatos passados da comunidade, ou mesmo nas histórias que os moradores contam para os netos.

A memória dos personagens entrevistados, fonte deste trabalho, é uma construção coletiva, ou, conforme aponta Halbwach<sup>87</sup>, constituída no interior de um grupo. A memória individual, estabelecida a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. É com essa perspectiva que analisamos as falas dos trabalhadores, compreendendo que essa memória coletiva foi construída e mantida na cidade, solidificada pelos jornais, pelos livros escritos por moradores, pelos livros sobre a história da cidade, e pela própria presença da família e do Curtume no centro da localidade, como importante provedora de empregos.

## 2.1 Os Enquadradores da Memória

A memória, por ser coletiva, é influenciada por fatores externos ao indivíduo. Michael Pollak refere-se a um processo de enquadramento da memória, realizado por sujeitos sociais como as instituições que direta ou indiretamente constroem ou veiculam imagens de um passado comum forjado para manter ou justificar determinada ordem: “Tal análise pode ser feita em organizações políticas, sindicais, na Igreja, enfim, em tudo aquilo que leva os grupos a solidificarem o social”<sup>88</sup>. Tradicionalmente, o Estado é apontado como grande produtor de enquadramentos da memória. Mas, além dele, toda organização veicula um passado de si própria e a história oficial não é, portanto, resultado apenas de tradições inventadas por instituições estatais. Os diversos grupos e instituições sociais forjam suas histórias através de um jogo de ações que articula a história, a memória e o esquecimento. Incluímos, assim, neste processo, a narrativa histórica, que é um dos veículos produtores e divulgadores desses enquadramentos.

Analisaremos, pois, nesse capítulo, os meios de cristalização e propagação da memória coletiva no município de Tapera, ou seja, os “enquadradores” da memória. No nosso caso, consideramos que os livros publicados por moradores, os jornais locais e as conversas entre moradores solidificam as recordações e contribuem para o sentimento de pertencimento à cidade e, portanto, para a construção de uma identidade. Nesse

---

<sup>87</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 39.

<sup>88</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992, p. 07.

trabalho de construção, a memória trabalha por conta própria, atinge as gerações futuras e se mantém por si mesma: “Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização”<sup>89</sup>.

### 2.1.1 A Caminhada de um Povo

A cidade de Tapera abriga uma considerável quantidade de livros escritos por seus moradores, como lembranças pessoais, textos de ficção ou de “história”, em sentido lato. Começamos o nosso estudo baseados nesses livros, principalmente nos capítulos destinados ao Curtume Mombelli. Sobre a formação da cidade, o livro do padre Vitor Batistella, “História de Tapera”, é um bom começo. Escrito em 1972, a publicação é a primeira versão escrita da história da cidade e orientou os trabalhos posteriores, como “Tapera – A Caminhada de um Povo” e “Tapera: sua vida, suas histórias”, do professor de filosofia Alcides José Arnholdt, analisadas abaixo. Entretanto, é preciso encará-lo não como uma pesquisa histórica, mas como a visão de um morador, que leu e escutou relatos sobre a sua região. No capítulo XIV, “Homens Ilustres de Tapera”, Guido Mombelli e seus negócios ganham oito páginas. A seguinte citação reforça o destaque dado ao personagem: “O desenvolvimento de Tapera acha-se intimamente ligado à história do CURTUME MOMBELLI & CIA., sem dúvidas um dos mais notáveis do Estado, autêntico líder da indústria do Alto Jacuí”<sup>90</sup>.

Seguindo por esse caminho, a Secretaria Municipal de Educação, em parceria com as professoras das escolas públicas de Tapera, lançou um livro, baseado em ampla pesquisa em arquivos e nos documentos disponíveis. Publicaram assim coletivamente a obra “Tapera – a caminhada de um povo”, em 1996. A coletânea abrange desde a fundação da cidade até o ano do lançamento da obra, aprofundando tópicos como economia, educação, imigração, lazer, saúde e sociedade.

Ao analisar os livros de histórias municipais, Fernando Seffner adverte para a influência das idéias positivistas nessas narrativas. A sua estrutura “jornalística” favorece uma visão superficial da realidade, tal como ela aparece diante dos olhos. Neles, diz o autor, “A sociedade é vista pela ótica do senso comum, sem problematizações maiores, dividida em ‘setores’ fragmentados, e se buscam

---

<sup>89</sup> POLLAK, 1992, p. 07.

<sup>90</sup> BATISTELLA, Vitor. **A história de Tapera**. Tapera: sem editora, 1972.

regularidades dentro de cada setor, ou entre os setores, o que equivaleria a ‘leis científicas’”. Tal afirmativa remete à concepção positivista de conhecimento histórico, ao se preocupar em acrescentar detalhes aos fatos e aos monumentos, como “descrição pormenorizada do que aconteceu, e a ‘boa história’ como sendo a ‘mais completa’”<sup>91</sup>. Também a idéia de progresso está sempre presente, do povo caminhando rumo à civilização e ao desenvolvimento: “Os autores acreditam numa única força capaz de efetuar modificações positivas na sociedade: a força do progresso. Outros movimentos, visando efetuar modificações, são valorizados positivamente somente quando associados à idéia de progresso”<sup>92</sup>.

Tendo em mente tais considerações, a obra “Tapera – a caminhada de um povo” é fundamental para compreendermos a memória coletiva “enquadrada” no município sobre seu passado. O Curtume e Guido Mombelli nela ganham um capítulo específico, além de aparecerem secundariamente quando são trabalhados os temas da educação e da energia elétrica. No livro, as mesmas características atribuídas ao dono da empresa que se encontram nos depoimentos, como o empreendedorismo, a dedicação ao trabalho e a concessão de benefícios à comunidade, são destacadas. A oração inicial do capítulo exemplifica esse posicionamento: “impossível contar a história de Mombelli & Cia. Ltda. sem falar em Guido Mombelli, seu fundador, que, desde menino, tinha espírito de luta e ambição de vida.”<sup>93</sup>

Além dos livros “históricos”, temos as memórias escritas por taperenses. Esse é o caso do livro de memórias do doutor Anildo Sarturi, que passou a infância em Tapera, trabalhou no Curtume e atualmente reside em Porto Alegre. Na obra, ele conta a sua infância e adolescência vividas na localidade, fala das histórias que marcaram a cidade e afirma a importância que o Curtume Mombelli teve na vida social e econômica do município e também na sua própria vida. No capítulo “Tapera”, ele aborda as atividades econômicas da cidade nos anos 20:

Assim, na década de vinte, iniciava-se o segundo ciclo de desenvolvimento econômico de Tapera, então oitavo distrito de Passo Fundo, através da construção de serrarias, implantação de numerosas atafonas para a produção de farinha de mandioca, no interior do Distrito e, ainda, a instalação na vila do primeiro curtume da região, erguido em pleno centro do povoado.<sup>94</sup>

---

<sup>91</sup> SEFFNER, Fernando. Presença das Idéias Positivistas nas “Histórias de Municípios” no Rio Grande do Sul: uma tentativa preliminar de mapeamento e análise. **Revista Ciências e Letras**. Porto Alegre: FAPA, n. 18, 1997, p. 156.

<sup>92</sup> SEFFNER, 1997, p. 148

<sup>93</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPER, 1996, p. 140.

<sup>94</sup> SARTURI, 1997, p. 10.

Freqüentemente, no meio dos textos, aparecem outras referências ao industrial Guido Mombelli, como: “proprietário da indústria de couros, a mais importante e forte da região”<sup>95</sup>. Também outros espaços da obra são dedicados ao estabelecimento, como nas partes que falam da vinda da família do autor ao vilarejo, do tempo em que esse trabalhou no Curtume e, secundariamente, da história de Pupi Baggio, guarda-livros da empresa e namorado de Lydia Mombelli, filha de Guido, de Hans Graf, que trabalhou no local quando chegou à vila.

Lançado nesse ano, o livro de Alcides José Arnholdt, professor de Filosofia e Sociologia no Instituto Estadual de Educação Nossa Senhora Imaculada, “Tapera: sua vida, suas histórias”, conta as trajetórias de moradores e histórias conhecidas na cidade. Nele, não é dedicado um capítulo a Guido Mombelli, nem ao Curtume, embora muitos dos seus personagens tenham trabalhado lá, como Adão de Oliveira Dahmer, Conrado Edmundo Püttow e Onilda Schenkel. Menciona-se a participação da família e da empresa quando se fala de assuntos mais gerais, como o fornecimento de luz elétrica e o primeiro revendedor de automóveis aos moradores de Tapera. Sobre a entrega dos veículos, o livro conta a solução encontrada pelo vendedor:

Estava faltando motorista para os outros dois carros. Guido seria um. Mas continuava faltando mais um. Então ele deu aulas de volante para dois compradores e também para Lydíia [sua filha], que tinha apenas 11 anos. E ela foi a motorista que conduziu um dos carros de Mariante a Tapera, enfrentado estrada enlameada e chegaram relativamente tranquilos após doze horas de viagem.<sup>96</sup>

Voltados especificamente para Guido Mombelli e o Curtume, contamos com os livros publicados por duas filhas do proprietário. Lydia Mombelli da Fonseca, no livro “Tapera”, conta cinco histórias da localidade, entre elas a de Guido Mombelli e a do Curtume. Nele predomina uma visão romântica dos personagens, com ênfase na dedicação do personagem a Tapera e no esforço do povo taperense para construir sua cidade. A história se assemelha a do livro de outra filha de Guido, Déa Mombelli, “O Senhor H”. A publicação conta a vida do proprietário através de pequenas histórias bem humoradas, sem referência direta a nenhum nome. Apesar das diferenças formais, os dois relatos são semelhantes, reforçando os mesmos aspectos, como a personalidade

---

<sup>95</sup> SARTURI, Anildo. **Hotel dos Viajantes**. Sem editora: Porto Alegre, 1997, p. 93.

<sup>96</sup> ARNHOLD, Alcides José. Tapera: sua vida, suas histórias. Editora Gráfica Gespi: Tapera, 2010.

dura do pai/chefe e o seu envolvimento com os operários, aparecendo essa característica também nos outros livros citados:

Sob a aparência de uma severidade exagerada, escondia um magnânimo coração. Sua bolsa sempre esteve aberta a todo o movimento social de caráter beneficente ou recreação. Aos seus operários sempre deu o máximo, quer providenciando a facilidade de instrução, apaziguando atritos familiares ou de vizinhos, proporcionando recreação e serviços religiosos<sup>97</sup>.

Já naquele tempo, preocupava-se com os seus funcionários, proporcionando-lhes saúde, educação, habitação e lazer. [...] Tinha um senso social inato; sentia prazer no convívio com seus subordinados, bem como com os demais munícipes.<sup>98</sup>

Estes livros circulam hoje na cidade e todos os entrevistados têm alguns deles em casa, ao menos um exemplar de “Tapera – a caminhada de um povo”. Trata-se, como foi antes indicado, da versão oficial da história da cidade e é usado pelos moradores como fonte para relembrar os fatos. Todas as escolas públicas da cidade, três estaduais e duas municipais, possuem também um exemplar. Junto a isso, o Memorial da cidade tem um espaço dedicado aos escritores taperenses, onde estão todas as publicações.

### 2.1.2 Conversas de vizinhos

As histórias da cidade, entre elas as relacionadas ao Curtume Mombelli, são transmitidas nas conversas cotidianas, entre vizinhos, companheiros de serviços e familiares. Nas entrevistas, os fatos narrados, seguidamente, não haviam acontecido diretamente com os entrevistados, mas eram evocados com base nas conversas com amigos. Eram referenciados com frases como: “quem sabe disso é o Nelson Brenner. O pai dele trabalhou muito tempo no Curtume e ele também. Pode te ajudar sobre a organização”<sup>99</sup>. Ou, em termos genéricos, com expressões do tipo: “O pessoal comenta”, “Era muito querido pela cidade”, “Todo mundo sabe”. Expressões como essas demonstram a presença de uma memória efetivamente coletiva na cidade. É o que Pollak chama de “memória por tabela”:

---

<sup>97</sup> FONSECA, Lydia Mombelli. **Tapera**. Ed. Nova Dimensão. Porto Alegre: 1987, p 48.

<sup>98</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPERA, 1996, p. 143.

<sup>99</sup> Entrevista de Ricardo Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo.<sup>100</sup>

As recordações podem ser revistas quando entram em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns em suas vidas e acabam por expandir a percepção do passado, ao contarem com informações fornecidas por outros integrantes do mesmo grupo. Esse é o caso da entrevista de Ilda Brunori, por exemplo, quando ela chamou seu filho mais novo para “ajudar a lembrar”. O tempo de serviço dele na indústria foi posterior ao da mãe, quando os diretores eram Plínio e Ari Mombelli, filhos de Guido. As falas se completavam quando lembravam a ajuda à escola e o fornecimento de sabão para os trabalhadores. Essa interação nas falas se reflete na construção da memória:

Ilda: - Por muitos anos ele deu tecido para o colégio, os alunos fazerem os uniformes.

José: - Não é isso mãe, é que eles tinham um convênio com o governo que abatia os impostos, daí eles davam esses uniformes para a escola.

Ilda: - Ah, é isso, era os impostos. Mas eles davam mais coisas, estavam sempre ajudando.<sup>101</sup>

Por outro lado, afirma Halbwachs, não há memória que seja somente “imaginação pura e simples”, ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja inteiramente exterior, ou seja, todo o processo de construção da memória passa por um referencial que é o próprio sujeito<sup>102</sup>. Mas, insistimos, a memória individual não está isolada, pois frequentemente ela toma como referência pontos externos ao sujeito.

A vivência em vários grupos desde a infância estaria na base da formação de uma memória autobiográfica, pessoal. A referência às pessoas como fontes de informação expressa a presença da tradição oral. O conhecimento gerado pelas conversas cotidianas é construído coletivamente e passado de geração em geração. No caso por nós abordado, os livros da cidade foram, em sua maioria, baseados nessa “tradição oral”, conforme os moradores contavam o que havia acontecido no passado. Além disso, contam também, como “provas documentais”, com cartas antigas de moradores, documentos de registro de imóveis e matérias do *Jornal Expresso Regional*.

---

<sup>100</sup> POLLAK, 1992, p. 02.

<sup>101</sup> Entrevista de Ilda Brunori, com participação de seu filho, José Brunori, Tapera, 03/10/2010.

<sup>102</sup> HALBWACHS, 2004, p. 78.



De forma geral, pode-se dizer que a memória apóia-se sobre o “passado vivido”, mais do que sobre o “passado apreendido pela história escrita”<sup>103</sup>.

### 2.1.3 Os jornais

Na década de 1930, os jornais de Carazinho divulgavam freqüentemente as notícias de Tapera. O *Jornal da Serra*, citado nesse trabalho, quando mencionava o Curtume e seu proprietário, o fazia sempre com elogios e destaque para o progresso que traziam à região. Tal representação fica clara nesses trechos do periódico: “Entre os grandes estabelecimentos de que Carazinho se orgulha, incontestavelmente que ocupa lugar de destaque as importantes Indústrias Reunidas Alto Jacuí, da poderosa firma Mombelli & Cia.”<sup>104</sup> e “Homem de larga visão, Guido Mombelli, desde sua mocidade vinha se dedicando ao desenvolvimento industrial de nossa comuna, legando aos seus herdeiros uma das maiores indústrias do gênero no Brasil.”<sup>105</sup>

Eram esses periódicos que circulavam na cidade e contribuía para a construção da imagem da empresa junto à elite letrada local. Afinal, a leitura ainda era restrita entre os funcionários da Mombelli, pois, conforme os entrevistados, a maioria era analfabeta e não tinha dinheiro para comprar jornais. Segundo o censo de 1940, no município de Carazinho, ao qual Tapera pertencia, 43% da população não sabia ler nem escrever<sup>106</sup>. Esse periódico se enquadra no que Francisco Rüdiger denominou, voltado para atrair e formar um público leitor fiel, longe das disputas partidárias que movimentavam os meios de comunicação do período da República Velha, divididos entre o Partido Liberal e o Partido Republicano. Este último publicava o jornal “A Federação”, que se manteve até o Estado Novo. Diz o autor sobre o “Jornalismo Literário Independente”: “No princípio, os periódicos dessa tendência se declaram órgãos da indústria e do comércio, mas logo percebem que sua sobrevivência depende em primeiro lugar da conquista do público leitor, proclamando-se órgão da opinião pública”. O leitor traria o patrocínio das empresas e, conseqüentemente, recursos para manter o veículo. Nesse sentido, o Curtume era anunciante freqüente do *Jornal da Serra*, ocupando no final do ano uma

---

<sup>103</sup> HALBWACHS, 2004, p.75

<sup>104</sup> *Jornal da Serra*, Carazinho. 08/03/1937, p. 3.

<sup>105</sup> *Jornal da Serra*, Carazinho. 12/02/1952, p. 6

<sup>106</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 1940. Rio de Janeiro: 1950, p. 112. Neste documento, não temos informações específicas sobre a vila de Tapera. Nele consta apenas o município de Carazinho. Neste, 24.371 pessoas sabiam ler e escrever e 17.972 pessoas não conseguiam nem ler nem escrever.

página inteira de publicidade. No fim do ano de 1952, por exemplo, a empresa ocupou uma página inteira desse periódico, com o seguinte texto:

INDÚSTRIAS ALTO JACUÍ – MOMBELLI & CIA  
Agentes com Stock em todas as capitais do país.  
GRANDE CURTUME: preparação de solas, vaquetas, vernizes, cromos, bezerros, nacos, camurças, búfalos, etc. Especialistas em couros de porco branco, tintos e estampados  
OFICINAS: de artefatos de couro em geral. Selaria, chinalaria, tamancaria, correaria, etc.  
Fábrica de sabão, fábrica de kola industrial, fábrica de café, artigos de primeira ordem.  
Fábrica e Oficina Mechanica. Obras de torno e ferro em geral<sup>107</sup>.

O jornal *Integração* foi o primeiro informativo da cidade, fundado em 1975 e ativo até hoje. Nele, o Curtume é freqüentemente citado, seja através de propagandas, ou de notícias da Associação de Funcionários do Mombelli, fundada em 1987. No centenário do nascimento Guido Mombelli, dia 19 de janeiro de 1993, o jornal publicou uma matéria com chamada na capa sobre o fundador do Curtume. Na reportagem, são ressaltadas as mesmas características apresentadas nos livros e nos depoimentos. A capa já deixa claro o tom da matéria: “Em 18/11/1893, nascia o grande idealizador do CURTUME MOMBELLI & CIA LTDA., que mais tarde viria a se transformar na maior expressão industrial não apenas de Tapera, mas da região Alto Jacuí”. Na página 07, a reportagem foi escrita por Maria de Lourdes Mombelli, levantando os mesmos pontos já expressos em outras publicações, como em sua participação no livro “Tapera – a caminhada de um povo”, e no seu depoimento:

Guido Mombelli sempre foi um grande líder, um homem dinâmico, empreendedor, em todas as atividades via motivo de expansão, de crescimento. [...] Se analisarmos a estrutura da atual firma Mombelli & Cia, tudo foi planejado por ele: a área da indústria, a casa para os operários, não descuidando do lazer, através da construção do Salão Azul, onde os operários tinham seu espaço para bailes, festas, jogos de bolão, bocha, etc. Não faltou o campo de futebol, nem os famosos churrascos festivos com os funcionários. Ele pensava em tudo e em todos<sup>108</sup>.

Atualmente, com a popularização da internet, os blogs tornaram-se os principais espaços de discussão sobre a cidade. A última polêmica envolvendo o Curtume Tapera, não mais de propriedade da família Mombelli, debatia, mais uma vez, o mau cheiro e a poluição das águas. A discussão entre o progresso econômico e a questão ambiental

---

<sup>107</sup> *Jornal da Serra*, Carazinho. 11/12/1952, p. 6.

<sup>108</sup> *Jornal Integração*, Tapera, 18/01/1993, p. 07.

permanecia, como aparece na postagem do blogueiro Leonardo Mayer, em fevereiro de 2008:

a empresa que é um dos nossos orgulhos sim, pois gera empregos e divisas para o município, está cumprindo com os mandamentos ambientais e, em assim sendo, não há nada o que se possa fazer. Concordo com quem não suporta o cheiro, mas ele é característico de um curtume que viu a cidade crescer à sua volta.<sup>109</sup>

Nos comentários, sempre anônimos, a discussão fica mais acalorada, voltando-se para os empregos e a riqueza que o Curtume traz para a região, conforme as seguintes postagens:

*Como vc insiste niso! Sempre a mesma ladainha dos que querem que tudo continue como está pois estão lucrando e não se importam se os outros estão perdendo ou não sua saúde. Teu dinheiro é mais importante do que a saúde dos nossos filhos e nós devemos simplesmente deixar a cidade sem lutar por um meio ambiente melhor. Assim vc poderá continuar a ganhar.*

Pois bem, agora o alvo é o curtume, que sempre foi a base tanto econômica quanto referencial da cidade. E ver comentários que dizem claramente que dane-se o curtume! É, as 300 famílias que tiram seu sustento dali agradecem, os comerciantes que recebem esse dinheiro também. Deve se tomar medidas sim, mas com coerência e calma. Usar o slogan de "Tapera, ame-a ou deixe-a" vai fazer com que logo, logo volte a existir aqui, apenas aquela velha casinha cercada de mato que deu origem ao nome valeu?

CARA SE O CURTUME FOR TENHA CERTEZA TAPERA VAI JUNTO... MUITA CALMA NESSA HORA... SEGURO DESEMPREGO SO DURA 6 MESES E OLHE LÁ!!!!

## 2.2 Reconhecimento pelo trabalho

A construção de uma identidade comum dos trabalhadores do Curtume Mombelli foi baseada nos acontecimentos, vividos pessoalmente ou não, que possibilitaram a criação de uma identificação com o ambiente de trabalho e com patrão. Para Pollak<sup>110</sup>, a identidade é a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, o que ela mostra aos outros e a si mesma. A construção da identidade, segundo ele, se produz em referência a critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade. Este é o caso da imagem do trabalhador sempre disposto, dedicado ao

<sup>109</sup>Blog do Leonardo, Tapera, 24/02/2009. Disponível em : <http://blogdoleonardo.tapera.net/2009/02/calma-pessoal-calma-muita-calma-nessa.html>

<sup>110</sup>POLLAK, 1992, p. 03.

serviço e atento ao que fosse exigido dentro da fábrica. Tal imagem, evocada nas entrevistas e nas publicações, era o que identificava os operários com o patrão, Guido Mombelli, retratado como uma pessoa incansável, sempre envolvida em negócios, que trabalhava por horas sem cansar e esperava a mesma atitude de seus empregados. Eis alguns exemplos de falas que respaldam essa representação: “Ao longo do tempo, os negócios prosperaram devido a muito trabalho e à ajuda de sua esposa Adelina”<sup>111</sup>; “Ele era muito ativo dormia muito pouco, estava sempre trabalhando”<sup>112</sup>; “Ele dormia muito pouco. Estava dentro dele esse negócio do trabalho”<sup>113</sup>. Da mesma forma, os operários, em suas entrevistas, exprimem essas características: “Trabalhei bastante, até no sábado, mas também fui muito valorizada”<sup>114</sup>; “Nossa, o que eu trabalhei. Nós trabalhava 12 hora, era de escuro a escuro, cedo era escuro e de noite era escuro”<sup>115</sup>.

Em Tapera, a construção da identidade dos trabalhadores é permeada, como foi dito, pela história oficial, na forma como ela foi mantida e reforçada pela família e pela empresa, e institucionalizada através de livros e periódicos. As falas coletadas nas entrevistas por nós realizadas reafirmam o que já foi narrado e refletem a interiorização da dominação. Como coloca José Leite Lopes<sup>116</sup>, são os símbolos que os trabalhadores acrescentam a sua história, percebidos nesse caso quando se exalta a bondade de Guido Mombelli e se agradece por tudo o que foi individualmente conquistado à empresa, como a moradia, a oportunidade de educar os filhos, os medicamentos e a possibilidade de sair da pobreza em que se vivia antes do ingresso no Curtume. A seletividade da memória, portanto, privilegiou os benefícios recebidos ao longo do tempo de serviço, ao menos nas falas “públicas” dos empregados.

Pollak<sup>117</sup> aponta ainda para a existência de algumas designações atribuídas a determinados períodos, que aludem diretamente a fatos de memória, e que vão para além da simples descrição dos acontecimentos históricos. Assim, em função das experiências de cada pessoa, de sua inscrição na sociedade, as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas e articuladas, ora separadas, ou mesmo vão “faltar” no relato ou na biografia. Para Egon, por exemplo, o dia do seu ingresso no Curtume, repetido em diversos momentos da conversa, “primeiro de julho de 1941, nunca mais

---

<sup>111</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPERA, 1997, p. 140.

<sup>112</sup> Entrevista de Ricardo Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

<sup>113</sup> Entrevista de Maria de Lourdes Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

<sup>114</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

<sup>115</sup> Entrevista de Egon Gengnagel, Tapera, 02/10/2010.

<sup>116</sup> LOPES, José Sérgio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Ed. Da UNB, 1988, p. 32

<sup>117</sup> Pollak, 1992, p. 202

vou esquecer”<sup>118</sup>, foi marcante para ele. Da mesma forma, a data da morte de Guido Mombelli inscreveu-se na sua memória, pois um dia antes ele havia visitado o patrão e estabelecido o compromisso, já referido, de ganhar a escritura da casa:

Isso marcou bastante. Quando faleceu o *vêio* Mombelli, tristeza que nós tinha, o patrão. Um dia antes eu fui visitar ele e ele me falou que mandou tirar a escritura da casa, nem tava pago. Aquilo me marcou muito. No enterro o Curtume parou, me parece que foram dois dias.<sup>119</sup>

Para Ilda Brunori, um dia inesquecível, lembrado nos primeiros momentos da entrevista, foi o da entrega da chave do cofre nas suas mão, que ficou sob sua responsabilidade todo o tempo em que permaneceu no cargo: “Trabalhei 30 anos lá dentro, ganhando bem, porque logo que eu entrei lá dentro e quando eles me deram a chave, o meu salário também foi lá em cima, ele aumentou. Teve gente que ficou braba, e eu fui ganhando mais.”<sup>120</sup>

De alguma forma, a história de vida de uma pessoa está, simultaneamente, num tempo presente e num tempo passado, como anuncia Pollak. Ela comporta o que o autor chama de *algo de invariante*, que, ao ser relatado pelo entrevistado, aparece de maneira recorrente, como se houvesse elementos irredutíveis no seu grau de importância, que não permitem mudanças. Pollak apresenta esses elementos como *algo* que se torna parte da própria essência da pessoa, que se torna realidade para ela, mesmo que muitas vezes se modifique em outras falas.

No caso estudado, percebemos nas falas a proximidade com o patrão e seus filhos, a orientação direta que eles davam para o trabalho e para o comportamento que os empregados deveriam ter. Isso aparece em falas como: “O *vêio* Mombelli me botou de chefe do setor<sup>121</sup>”; ou: “Ele me entregou a chave do cofre”<sup>122</sup>. Os funcionários do Curtume também se colocam como colaboradores para o sucesso da empresa, já que teriam ajudado a erguer a fábrica: “Eu ajudei a fazer todo o Curtume”<sup>123</sup>. Essas frases revelam o reconhecimento dos trabalhadores da centralidade, prática e simbólica, que a empresa tinha em suas vidas, o que era retribuído na colaboração que davam para o seu sucesso. Tal reconhecimento tinha também uma contrapartida quando o patrão reconhecia o funcionário e o seu papel na empresa. Assim, os trabalhadores se viam

---

<sup>118</sup> Entrevista de Egon Gengangel, Tapera, 02/10/2010.

<sup>119</sup> Entrevista de Egon Gengangel, Tapera, 02/10/2010.

<sup>120</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

<sup>121</sup> Entrevista de Egon Gengangel, Tapera, 02/10/2010.

<sup>122</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010

<sup>123</sup> Entrevista de Egon Gengangel, Tapera, 02/10/2010.

como operários do Curtume Mombelli em função da confiança neles depositada pelo patrão.

Tais questões são assim explicadas por Pierre Bourdieu:

[...] o efeito de reconhecimento que o fato da objetivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas que eles têm em comum.<sup>124</sup>

A presença do prédio do Curtume no centro da cidade, bem como o apito que todos escutavam e marcava os horários de trabalho e descanso, dão forma à memória de seus trabalhadores. Com exceção de Anildo Sarturi, que hoje reside em Porto Alegre, a moradia dos demais trabalhadores entrevistados fica ainda hoje próxima às instalações da indústria e, por isso, eles passam diariamente pelo local onde trabalharam por anos. Segundo o neto Ricardo Mombelli, essa era a intenção de seu avô, Guido Mombelli, garantir a sua permanência, depois de morto, através do Curtume:

O vô tinha uma grande afeição pelo Mombelli. Uma idéia de que, enquanto tivesse a Mombelli, estaria ele presente. Quando ele teve câncer, dividiu o capital e deu a parte maior para o pai, o tio Plínio e o tio Vicente. Os outros ganharam mais terra, casas, outros bens, títulos da dívida pública. Para que tivesse uma ligação maior, uma responsabilidade pela continuidade.<sup>125</sup>

O contraste entre estar empregado no Curtume e a pobreza do meio em que se encontravam antes de trabalhar na empresa foi muito ressaltado nos depoimentos dos operários. Nessa perspectiva, o trabalho no Curtume era visto como garantia de melhoria de vida: “Eu não tinha outro lugar para ir, porque não tinha possibilidades financeiras de estudar fora, de fazer ginásio. Quando terminei o quinto ano, eu pensei comigo mesmo: vou trabalhar no Curtume, pelo menos”<sup>126</sup>. Fora do trabalho, o cotidiano é retratado como pobre, triste e difícil: “Era assim naquele tempo, não tenho saudades da minha infância”, diz Ilda Brunori, referindo-se ao passado, quando sua família era pobre. Isso aparece como diferente dos dias de hoje, quando gozam, afirma ela, de uma aposentadoria tranqüila, com os filhos e netos formados na Universidade, oportunidade que ela e seus contemporâneos não tiveram. De forma geral, a vila fora da

---

<sup>124</sup> BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, 1989, p.117.

<sup>125</sup> Entrevista de Ricardo Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

<sup>126</sup> Entrevista de Anildo Sarturi, Porto Alegre, 29/10/2010

Indústria é lembrada como “muito pobre”, conforme deixa transparecer os depoimentos de Maria de Lourdes e Ilda Brunori: “Fora desse meio era muito pobre, não tinha onde trabalhar”<sup>127</sup>; e “não tinha onde trabalhar, era tudo muito pobre. Tinha um banco só e as casas de comércio eram uma ou duas.”<sup>128</sup>

Maria de Lourdes e Ilda trabalhavam no escritório, longe da “imundice” da fábrica. A oposição entre o ambiente administrativo e o local da produção também é constante nas recordações dos funcionários, inclusive para Egon, que trabalhou 60 anos junto aos couros. A fábrica é sempre retratada como um lugar sujo, de trabalho pesado, o que era reconhecido pelo chefe:

O Plínio [filho de Guido Mombelli] estudava em São Paulo e não queria mais estudar. Eu tava presente quando o velho Mombelli *pegô* ele: “Oh Plínio, agora escolha. Ou tu vai trabalha naquela sujeira lá do Egon, naquela seção braba ou tu vai estudar. Pode escolher agora.” O Velho Mombelli deu um grito. Daí ele foi estudar de novo. Porque aquela seção era a mais braba que tinha, molhado, molhado. A única coisa que acontecia muito é que comia muito os dedos, os produtos químicos. Até esse dedo eu perdi numa máquina. Embaixo da unha começava de comer. Era bastante difícil, mas a gente *agüentô*. Nós não tinha uma outra saída.<sup>129</sup>

Não ir para perto dos couros, da sujeira e do trabalho duro foi a “sorte” de Ilda, mas de suas irmãs: “Nós éramos oito mulheres na minha família. Não tinha trabalho para todas em casa. Eu fui a privilegiada. Algumas trabalharam no Curtume, lá dentro, nos fundos, naquela imundice. E eu fui a única que não precisei trabalhar lá dentro.”<sup>130</sup> A história de Hans Graf, contada por Anildo Sarturi no seu livro de memórias, mostra o trabalho duro para o qual ele foi designado, não condizente com sua aparência:

Sabendo que o alemão Hans Graf procurava emprego, pediu-lhe, numa dessas noites, para que fosse no dia seguinte ao escritório da firma. Hans Graf falava apenas meia dúzia de palavras em português. [...] no dia seguinte, Hans foi ao escritório e conseguiu o emprego, uma função, aliás, das mais inferiores dos operários da empresa de couro. Vestia avental grosso de couro, raspava o excesso de gordura dos couros de gado e suíno, transportava-os para os folões que giravam o dia inteiro, depois levava-os em carro de mão aos tanques de água salgada para curti-los; enfim, não parecia trabalho adequado a um homem de mão finas, delicadas, bem cuidadas, olhos azuis, tipo de pessoa de classe média alta. Embora se sentisse, de certa forma, humilhado por desempenhar aquele tipo de trabalho, Hans Graf continuava no emprego sem aparentar o menor constrangimento<sup>131</sup>.

<sup>127</sup> Entrevista de Maria de Lourdes Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

<sup>128</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

<sup>129</sup> Entrevista de Egon Gangenagel, Tapera, 02/10/2010.

<sup>130</sup> Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

<sup>131</sup> SARTURI, 1997, p. 143. Entrevista de Egon Gangenagel, Tapera, 02/10/2010.

É com base no trabalho prestado no Curtume Mombelli e na suposta proximidade com o patrão que os funcionários construíram sua identidade. O reconhecimento pelos serviços prestados e a confiança depositada no seu caráter e na sua capacidade profissional faziam com que eles se orgulhassem dos esforços e do trabalho árduo desempenhado para ajudar no crescimento da Indústria, uma das mais importantes da região, cercada de “muita pobreza” por todos os lados. Permeando tudo isso, a “história oficial”, registrada em livros e matérias jornalísticas posteriores ao tempo trabalhado ao lado de Guido, que sempre acentuam o talento e a benevolência desse personagem, fortaleceu o sentimento de pertencimento e identificação com o estabelecimento e seu proprietário.

---

<sup>131</sup> SARTURI, 1997, p. 143.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, estudamos a contribuição das políticas paternalistas estabelecidas no Curtume Mombelli na formação da identidade dos trabalhadores. A indústria se localiza no interior do Rio Grande Sul, na vila de Tapera, numa região predominantemente agrária. Hoje, passados mais de 50 anos, o Curtume continua a existir no centro da cidade, com seu apito para marcar os horários de saída e entrada, e um número considerável de empregados. No entanto, os proprietários não são mais uma família da cidade, mas uma empresa de fora.

No período estudado, as décadas de 1930 e 1940, o Curtume estava funcionando em Tapera sob a direção de seu sócio-fundador Guido Mombelli. Os serviços públicos, como educação, energia e saúde, ainda eram precários no lugarejo e quem assumia essa responsabilidade perante os funcionários era o patrão. Discutimos, no primeiro capítulo, como esses benefícios se davam no cotidiano dos trabalhadores e como eles eram sentidos pelos trabalhadores. Essas políticas paternalistas influenciaram na formação da identidade dos operários, na relação que mantinham com o chefe e no sentimento de pertencimento à empresa, como apresentamos no segundo capítulo.

Espontaneamente, nas entrevistas, aparecia a ligação com Guido, o seu carisma e a atenção que ele dedicava aos subordinados. Essa relação personalizada, característica da dominação paternalista, aproxima os empregados à empresa, como discutimos ao longo do trabalho. Percebemos, com a pesquisa, que a relação com o chefe foi determinante para a formação da identidade dos trabalhadores, que se sentiam bem quistos na empresa e, por isso, procuravam desempenhar bem o seu serviço. Foi baseado nos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade, propostos por Pollak, que eles construíram a sua identidade. Ou seja, eles se apresentam hoje como dedicados ao serviço, atuantes dentro da empresa e pessoas de confiança do patrão. Tais características vêm ao encontro a outro ponto proposto por Bourdieu, quando esse define a identidade: o reconhecimento, não apenas o reconhecimento da sua situação de operário e do papel que desempenhou dentro da fábrica, mas também o reconhecimento da outra classe, do diretor, pelo papel desempenhado. Eles eram vistos como trabalhadores “do Mombelli” e assumiram essa postura. Assim, seu discurso identitário está relacionado com características unificadoras configuradas pelo trabalho na empresa e suas “derivações”, como a moradia na vila azul, os bailes embalados pela Banda Aurora, a missa realizada no interior da indústria.

A memória coletiva também é um fator importante para se entender a formação da identidade, ao reforçar os laços de pertencimento e continuidade com acontecimentos, personagens e lugares. Para compreender melhor a constituição dessa memória, procuramos identificar o que Pollak chama de “enquadramentos” da memória, ou seja, as instituições, grupos e elementos que solidificam as lembranças. Percebemos que os livros publicados sobre Tapera, os jornais e a tradição oral, elaborada e transmitida em conversas entre amigos, vizinhos e familiares, desempenham esse papel, colaborando para a fixação de uma identidade comum. Dessa forma, a própria memória trabalha por conta própria, atinge as gerações futuras e se mantém por si mesma, pois já está solidificada entre os moradores.

Aproveitamos para esclarecer um ponto significativo da pesquisa. Não entramos nas questões de etnicidade e de gênero, como foram desenvolvidas em trabalhos importantes como o de Regina Weber e Isabel Bilhão, pois estas não se destacaram durante as entrevistas. As distinções étnicas não apareceram nas falas. Em nenhum momento, por exemplo, os funcionários se colocaram como descendentes de italianos e alemães em situação de conflito ou interação com outros grupos. Maria de Lourdes e Ilda, as duas mulheres entrevistadas, não levantaram discriminações de gênero, acentuando que o serviço era o mesmo para mulheres e homens. Isso não significa que essas distinções não existissem, mas isso exigiria um trabalho específico, que não cabe dentro da proposta dessa monografia.

Enfim, como sempre dizia Guido, naquela ocasião couro era mesmo ouro, tanto para ele, que enriquecia com os lucros da empresa, como para seus empregados, que nela encontraram o sentido de suas vidas, a sua identidade mais preciosa.

## LISTA DE FONTES

### 1. Fontes Orais:

Entrevista com Anildo Sarturi. Porto Alegre, 29/09/2010. Concedida à Cecília Soares Mombelli.

Entrevista de Egon Gengnagel. Tapera, 02/10/2010. Concedida à Cecília Soares Mombelli.

Entrevista de Ilda Brunori. Tapera, 03/10/ 2010. Concedida à Cecília Soares Mombelli.

Entrevista de Maria de Lourdes Mombelli. Porto Alegre, 07/10/2010. Concedida à Cecília Soares Mombelli.

Entrevista de Ricardo Mombelli. Porto Alegre, 07/10/ 2010. Concedida à Cecília Soares Mombelli.

### 2. Jornais consultados:

*Jornal da Serra*, Carazinho. 1937 e 1952. Disponível na Biblioteca Pública Municipal Guilherme Schultz Filho de Carazinho.

*Jornal Integração*, Tapera. 1971, 1993 e 2007. Disponível no acervo do Jornal em Tapera.

### 3. Livros de memória e história local:

ARNHOLD, Alcides José. Tapera: sua vida, suas histórias. Editora Gráfica Gespi:Tapera, 2010

BATISTELLA, Vitor. A história de Tapera. Tapera: sem editora, 1972.

BICOCCHI, Déa Mombelli. **O Senhor H**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1997, p. 10

FONSECA, Lydia Mombelli. **Tapera**. Ed. Nova Dimensão. Porto Alegre: 1987.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPERA. **Tapera – A caminhada de um povo**. Gráfica SEDIGRAF: Tapera, 1996.

SARTURI, Arnildo. **Menino de Aldeia**. Porto Alegre: sem editora, 2006, p. 18.

### 4. Documentos:

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 1940. Rio de Janeiro: 1950.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE, 1957-1964. 36 v.

SESI. Plano de Ação Sesi. Porto Alegre, 1956. Biblioteca da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs).

SESI. Relação das Indústrias com mais de 50 empregados no Estado do Rio Grande do Sul, novembro de 1971. Biblioteca da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro (org.). **Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira**. São Paulo: Scritta, 1997.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Edusc; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.

BATISTELLA, Alessandro. **Movimento operário em Passo Fundo - RS (1920-1964)**. Passo Fundo: Méritos, 2008.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2005. Orientador: Profa. Dra. Silvia Regina Ferraz Petersen .

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

ESPERANÇA, Clarisse. **A greve da oficina de chumbo: o movimento de resistência dos trabalhadores da empresa jornalística Caldas Junior (Porto Alegre: 1983-1984)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2007. Orientador: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt .

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HARRES, Marlusa Marques. História Oral: algumas questões básicas. **Anos 90**, Porto Alegre, vol. 15, nº 28, pp. 99-112, dez 2008. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7960/4749>. Acesso em 30/05/2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LOPES, Jose Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Ed. Da UNB, 1988.

LOPES, José Sérgio Leite (org.). **Cultura e identidade operária**. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/Marco Zero, 1987.

PESAVENTO, Sandra J. **A burguesia gaucha: dominação do capital e disciplina do trabalho: RS: 1889-1930**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 9<sup>a</sup>. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em 10/06/2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em [www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em 10/06/2010.

RAGO, Margareth. **Do Lar ao Cabaré**: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. 3<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 3 v.

WEBER, Regina. **Os operários e a colméia**. Trabalho e etnicidade no sul do Brasil. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.